BIBLIOTECA GERAL
DA
UNIVERSIDADE
— JORNAIS —
COIMBRA

# A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

Janeiro de 1998
Nº 33
Distribuição gratuita
Director: César Marques
Director adj:Manuel Pereira
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira
3000 Coimbra
Telefone/Fax: (039) 38934
E-Mail: A_Cabra@hotmail.com




# DOIS MESES DE CONTESTAÇÃO

# Editorial

## A actualidade dos ideais

Há vinte anos desaparecia um dos cantores que mais expressividade e simbolismo imprimia às canções que compunha e cantava - Jacques Brel (v. pág. 14). Durante toda a sua carreira cantou o que sentia e transmitiu uma mensagem de revolta e mudança sem para tal se agarrar a qualquer partido político. Cantava para intervir e intervinha quando compunha. Deixou atrás de si, para além da "beleza musical" das suas composições, um grito de apelo à revolta em nome de valores como a solidariedade, a igualdade e a liberdade. Foi, sem dúvida, um dos que "da lei da morte se libertou" através daquilo que em vida soube apregoar para o bem de todos.

Hoje, vinte anos depois da sua morte, se lermos e ouvirmos as suas canções apercebemo–nos de como aquilo de que falava e que defendia se mantém actual.

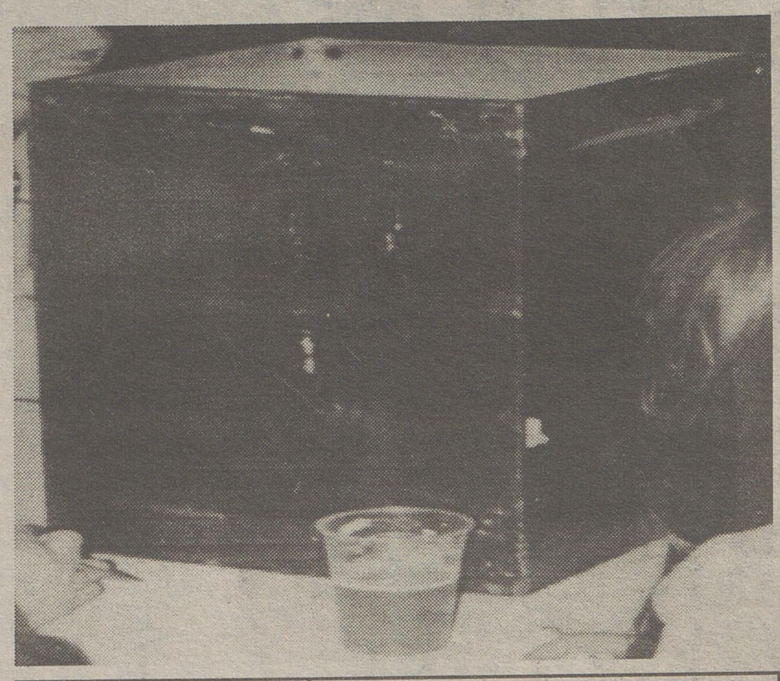
A Academia de Coimbra e os estudantes portugueses defrontam–se uma vez mais com leis que ameaçam hipotecar o futuro do sistema educativo e, consequentemente, o do país. Passam os governos e, no que é fundamental, ninguém altera nada. Entretanto assistimos impávidos a notícias como a do "Público" de 15/01 que revelam estarmos a perder terreno em relação a países "concorrentes" como os do Leste Europeu, e tudo por causa da nossa má formação escolar.

E se lermos o parecer do Conselho Nacional de Educação da altura em que Marçal Grilo era seu presidente, e em que se diz que os estudantes portugueses não podem suportar o pagamento de propinas, e o compararmos com a actual Lei–quadro de Financiamento, vemos que o Dr. Marçal Grilo se transformou num dos Notários da canção "Les Bourgeois" de Brel. E tudo porque se tem uma ideia de educação semelhante à da "Rosa": "Le tango du collège/ qui prend les rêves au piège (...) Le tango des forts en rien / Qui déclinent leur chagrin/ Et qui seront pharmaciens / Parce que papa ne l'était pas". Enquanto se vir a educação como um privilégio e um "luxo" não poderemos progredir de forma coerente e sustentada.

Enquanto os nossos governantes se continuarem a desresponsabilizar do seu dever de criar condições para que o ensino tenha qualidade nós temos toda a legitimidade para "montrer nos culs et nos bonnes manières".

E o canto de Jacques Brel continuará actual!...

*Filipe César Marques*



## Eleições para os Órgãos de Gestão da FDUC- Alunos Reagem...mas não muito(s)!

A eleição para os órgãos de Gestão da Faculdade de Direito, realizada dia 8 deste mês, veio confirmar a tendência para abstenção que se verifica no panorama académico.

Com duas listas a concorrer- a lista I (por direito, inovar) e a lista R (reage) - a campanha, de apenas três dias, decorreu num clima de cordialidade, pautando–se globalmente pela positiva, isto é, pelo confronto de projectos e não pelos ataques frontais que alguns mais cépticos haviam vaticinado.

Ainda assim, do universo de cerca de 3500 estudantes, apenas 654 contribuiram para a gestão democrática da faculdade, facto para o qual muitos apontam como principal causa o cansaço provocado por sucessivas eleições.

O sufrágio, que permite eleger 4 alunos para o Conselho Pedagógico e 30 para a Assembleia de Representantes (que posteriormente escolhe 4 alunos para o Conselho Directivo) deu uma confortável maioria à lista R, o que traduz em certa medida a aposta na continuidade, uma vez que alguns dos alunos se mantém à frente dos Órgãos de Gestão.

Os votos ficaram assim distribuídos:

*AG e JMA*

| | Pedagógico | Assembleia de Representantes |
|---|---|---|
| I | 261 | 256 |
| R | 340 | 346 |
| brancos | 38 | 35 |
| nulos | 7 | 9 |

## Desatenções

As eleições para os Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra realizaram–se nos dias 26 e 27 de Novembro de 1997. A Lista X, mais uma vez, saíu vencedora e os lugares principais da DG mantiveram as pessoas que até aí os ocupavam. Talvez por isso tenha havido alguma desatenção (ou acomodação) e ninguém tenha reparado que o art. 15º do Regulamento Eleitoral previa que a tomada de posse teria de ser feita nos dez dias seguintes à pubicação da acta final (publicação essa que ocorreu a 10 de Dezembro). Mesmo com as férias do Natal pelo meio, já houve mais que tempo para que Tó Silva e os seus colegas de Direcção tomassem posse (o que, apesar de desrespeitando o referido Regulamento, acontecerá na terça–feira, dia 20 de Janeiro).

Esperemos que durante o novo mandato tratem dos assuntos da Academia com mais celeridade...

*CM*

Mais uma vez "A Cabra" testou a atenção dos seus leitores. Neste momento estará o insigne leitor a cogitar sobre que cena terá sido desta vez.

Pois, pois na verdade é tão simples quanto isto, alguém não curou de mudar o número do jornal pelo que saíram dois 31 e só agora o número 33!

N.B.- "A Cabra" passará certificados a quem o desejar.

## "Bocas da reacção"

Durante a greve da passada semana ouviram-se comentários do mais variado tipo, uns a apoiar, outros a criticar a atitude dos estudantes. Um dos que sem dúvida mais risos despertou foi o que circulava entre alguns dos presentes no doutoramento que decorreu na tarde de quarta-feira: "Fecharam tudo menos a Biblioteca-Geral. Ainda não descobriram bem para que serve!"

Para quem passou as suas últimas duas quintas feiras à noite a assistir a Magnas, aqui fica um apanhado das frases que fizeram as ditas assembleias e que, por regra, acabariam por cair no esquecimento não fosse esta iniciativa. Para mais tarde recordar, aqui ficam os MagnAwards, atribuídos por um juri idóneo eleito para o efeito.

**Prémio Tolerância**
"Não respeito nenhuma medida de direita fascizóide"
*Raquel Varela*

**Prémio Tão amigos que nós somos**
"Renato, admiro–te como lutador convicto que és"
*Tó Silva*

**Prémio Educação e boas maneiras**
"...porque a merda das propinas e o c@r@£!o da lei..."
*Raquel Varela*

**Prémio Céus, ele manda na família**
"Eu não deixo que os meus pais me paguem as propinas"
*Ricardo Matos*

**Prémio Olha que eu tenho uma família normal**
"No meu caso, eu não mando nos meus pais"
*André Pestana*

**Prémio Olhe que não, dr., olhe que não**
"A taxa da propina é como um bilhete de futebol: quem entra ao intervalo paga o mesmo"
*Marçal Grilo, em directo para a Assembleia Magna*

**Prémio Ajoelhou, vai ter que rezar**
"Bateram, bateram, agora batemos nós"
*Renato Júnior*

**Prémio Não me digas!**
"Somos indigentes arruaceiros e alcoólicos ideais"
*Rui Simões*

**Prémio A tradição já não é o que era**
"Votámos num socialista e saiu–nos um padreco de quinta categoria"
*Raquel Varela*

**Prémio É tudo uma questão de Fé**
"Se não acreditarem em mim, eu deixo de acreditar em vocês"
*Tó Silva*

**Prémio Ideia Magna**
"Vamos invadir caves vinícolas"
*Carlos Ramos*

**Prémio Que se lixe a Magna**
"Alguém vá buscar uma televisão"
*João André*

**Prémio Donde é que ela caíu**
"Está uma televlsão no meio da mesa"
*Hugo Capela, em directo para a RUC*

**Prémio Gabriel Alves**
"Temos que impôr a força da razão à razão da força"
*Cristina*

**Prémio Ena, tanta gente junta a ver o meu programa**
*Clara Ferreira Alves e Falatório, RTP2, 15 Janeiro de 1998*

**Ficha Técnica**

**Directores:** César Marques, Manuel Pereira ; **Edição:** Adeodato V. Pinto, Eduardo Santos Brito, Nuno Curado, Tiago Maranhão, Rui Ferreira; **Director Gráfico:** Nuno Curado; **Paginação:** Nuno Catarino, Nuno Curado, Paulo Antunes **Redacção:** David Pereira Bastos, Fernando Nunes, Filipa Rodrigues, Maria Luis Marinho, Paulo Antunes, Pedro Brites, Rosário Salvado, Susana Cerqueira; **Colaboradores:** Andreia Gouveia, Bruno Ferreira, Cristina Gomes, Elsa Garcia Fernandes,Hugo Ruquidão, João Melo Alvim, Maria João Borges, Nuno Amaral, Nuno Catarino, Rui Prista Cascão, Sofia Branco, Zilda Monteiro; **Fotografia:** Eduardo Santos Brito, Paulo Antunes, Ricardo Moura; **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 2000 exemplares; **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira; **Telefone/Fax:** (039)-38934; **E-mail:** A_Cabra@hotmail.com; **Agradecimentos:** Centro de Informática da A.A.C., D.G./A.A.C., Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Secção de Jornalismo

Janeiro 1998

# De magna em magna pela greve até ao boicote

***Duas Magnas no espaço de uma semana espelham o fervor que se vive nesta academia relativamente à contestação à Lei de Financiamento do Ensino Superior (LFES). Da greve geral deliberada na primeira (8 de Janeiro) à interactividade da segunda (15 de Janeiro), passando pela originalidade de certas propostas em ambas, A CABRA faz o relato do que se viveu nesta magna semana.***

Uma greve geral de dois dias foi o resultado mais prático saído de uma assembleia Magna onde a expectativa quanto a novas formas de luta e à participação dos estudantes era grande depois do reacendimento da contestação académica nas últimas semanas de aulas de 1997. Greve aprovada por uma Magna que apenas teve quórum uma hora depois do seu começo, marcado pelo minuto de silêncio guardado em memória de Diniz Jacinto, presidente da Associação Académica em 1941 e fundador do TEUC.

Seguindo a praxe, António Silva, presidente da DG/AAC, abriu as hostilidades apelando à união e ao voto responsável dos estudantes como forma de legitimar "uma luta que é de todos". Assistiu–se depois a uma série de intervenções do mais variado teor, chegando algumas a roçar o surrealismo como as propostas de desobediência civil apresentadas, que incluiam a invasão de caves vínicolas :), a pintura do edificio da Delegação do ministério da educação em Coimbra de negro, o envio de papel higiénico em envelopes para o ministério da educação ou desfile em pijama dos estudantes pelas ruas de Coimbra para "mostrar a sonolência do ministro em relação aos assuntos estudantis".

A proposta da greve geral de dois dias apresentada pela DG/AAC precedida de uma que previa quatro dias para semelhante forma de luta teve que, apesar de aprovada por maioria, suportar certas ideias contrárias que apresentavam a época de frequências que já se vivia em certas faculdades e a ilegalidade de um encerramento a cadeados das instituições universitárias como os principais argumentos contra além do fantasma dos piquetes anti–greve, o que não se veio a verificar (vide artigo sobre greve geral). Ideias contrárias que provocaram uma intervenção menos feliz por parte de uma estudante que depois de "não considerar que vive em democracia" afirmou "não respeitar nenhuma medida de direita fascizóide". Isto depois de um discurso inflamado onde o primeiro ministro, António Guterres foi intitulado de "padreco de quinta categoria".

A "troca de galhardetes" envolveu também uma possível manifestação a Lisboa, proposta apresentada por André Pestana, que a DG/AAC se apressou a considerar impossível de concretizar durante os meses de estudo que se avizinhavam, mas que vários estudantes saídos da massa que enchia por completo, uma vez mais, o Teatro Académico Gil Vicente, insistiam em defender. No, entanto a proposta mais controversa e que acabou por conhecer desenvolvimentos na magna posterior foi a da suspensão de todas as festás académicas este ano como prova do "sacrifício que os estudantes fazem contra uma lei tão injusta como esta".

A votação, demorada, e em certos casos, repetida por falta de um método definido logo ao príncipio, vinculou então como vontade dos estudantes a realização da greve geral de dois dias seguida de uma assembleia magna para decidir a continuação dos protestos contra a LFES.

Marçal Grilo, em directo para a Assembleia Magna

Realizou–se uma semana depois uma nova assembleia Magna, desta vez no anfiteatro Paulo Quintela, que se mostrou exíguo para o efeito. "Por indisponibilidade de melhores espaços", foi a justificação dada pela mesa da Assembleia. Sem quórum, foi apenas o compomisso pessoal de António Silva de fazer respeitar as decisões ali deliberadas que impediu um abandono da sala por um numeroso número de estudantes indispostos a perderem tempo para "um mero debate".

Na intervenção inaugural o presidente da DG/AAC congratulou a academia pela "demonstração de força e união que a greve geral representou" salientando ainda a adesão total a uma greve de portas fechadas a cadeados. Propôs o boicote à primeira prestação das propinas, cujo prazo termina a 28 de Fevereiro, e um referendo aos estudantes sobre um boicote integral à propina. Prometeu ainda a realização de uma manifestação nacional em Lisboa, a decorrer em Março, "nem que esteja lá sozinho", como fez questão de marcar. Considerado não como o protesto fundamental mas apenas como uma forma de luta imediata o boicote terá que ser acompanhado de "luta de rua" e haverá que tornar os académicos conscientes em relação às possíveis sanções.

A queima, ou a sua suspensão, voltou, no entanto, a ser um dos assuntos da noite, provocando intervenções variadas que culminaram com o esclarecimento de que tal decisão poderia apenas vir a ser tomada numa reunião geral de quartanistas e não numa Assembleia Magna. Uma vez mais opiniões divergentes chocaram, apelando quer ao "abandono por um ano do consumo de álcool que a queima representa", quer lembrando que tal atitude tomada em 1969 foi da decisão do Conselho de Veteranos e não de "meia dúzia de centenas de pessoas" e em situações muito mais gravosas do que as de hoje. A proposta acabaria por ser rejeitada depois de um incitamento à união dos estudantes contra "querelas do passado" de Rui Justiniano, alarmado com a divisão e com o confronto que poderia surgir entre a academia em relação a tal proposta.



A grande surpresa da noite, porém, foi o "directo" estabelecido entre a Ass. Magna e o ministro da educação Marçal Grilo, presente no programa "Falatório" da RTP2 que decorria à hora em que a Magna votava as propostas apresentadas. Foi estabelecido um contacto telefónico entre o presidente da DG/AAC e o ministro o que, graças a uma televisão resgatada de emergência para se assitir à série de perguntas e respostas, permitiu que esta se tornasse a primeira magna "interactiva" da história da academia. Respondendo com a calma que lhe é reconhecida o ministro da educação proferiu afirmações em que reconhecia que "os bolseiros pagam, e pagam muito bem!", além de equiparar a propina única "ao bilhete que se paga num jogo de futebol: quem entra no intervalo paga o mesmo que aquele que entra ao principio", sabendo–se que, por regra, ao intervalo se abrem os portões. Acusado de mentir aos estudantes em relação ao (des)investimento no ensino superior por António Silva, o minstro escudou–se na situação particular da universidade de Coimbra, considerando-a "deficiente" em certos aspectos e necessitada de um contrato–programa específico. No entanto, Marçal Grilo, lembrou o presidente da DG/AAC, de que os dirigentes associativos insistem em discutir apenas as "propinas" quando ele próprio já se mostrou disponível para debater as questões de fundo da educação.

A última Magna antes do intervalo das frequências deliberou também a utilização do direito de antena que é concedido às associações de estudantes para promover a nossa causa, assim como a realização de duas mostras de secções e organismos da AAC em variadas partes da cidade para um contacto directo com a população e a sua informação sem manipulação dos orgãos de comunicação social. Foi o último suspiro antes do descanso para o intenso período de luta que se avizinha e que terá inicio com o boicote ao pagamento da primeira prestação das propinas.

***Adeodato Valente Pinto***
***Eduardo Santos Brito***

## Dois meses de contestação nas ruas

# Adesão total à Greve Geral

***Depois de uma manifestação em Coimbra que,segundo dados oficiais, reuniu cerca de 5000 estudantes, os dias 13 e 14 de Janeiro marcaram mais uma batalha na cruzada contra a LFES.***

Os estudantes da Universidade de Coimbra, dando sequência a uma das deliberações da Assembleia Magna do passado dia 8, encerraram, na madrugada de 3.ª feira dia 13, "as portas" de todas as faculdades e departamentos.

Apesar da greve a todas as aulas e frequências se ter iniciado num dia que os mais supersticiosos receiam, esta decorreu sem grandes sobressaltos, tendo–se registado a adesão de uma percentagem de estudantes a rondar os 100%.

Os cerca de cem cadeados que "decoravam" a U.C. e, os piquetes de greve que zelavam por eles, não incomodaram o reitor Rui Alarcão: "Não gosto de cadeados, mas interpreto estes num sentido simbólico, apenas como forma de protesto". No seguimento destas declarações, louvou os estudantes pelo facto de terem possibilitado o funcionamento da reitoria e serviços centrais, e ainda por terem acedido a abrir a Porta Férrea para a realização de um doutoramento marcado para o dia seguinte.

Elucidativos e originais, os cartazes afixados nas várias faculdades traduziam a consciência da necessidade de descentralizar as reivindicações estudantis, evoluindo do simples "não pagamos" para a exigência de uma reforma fiscal epara a denúncia da quebra de compromisso do governo no que respeita ao financiamento do Ensino Superior.

No 2.º dia de greve esperava–se um ambiente mais tenso, pois estavam marcados para essa tarde exames de frequência nos departamentos de Física e de Química. Por precaução, as pessoas que se encontravam em piquetes de greve nas várias faculdades concentraram–se, por volta dos 14 horas, em frente a estes departamentos, com o intuito de assegurar o cumprimento da decisão soberana da Magna. Afinal não se registaram problemas, tendo o assunto sido pacificamente resolvido com os alunos e docentes em questão.

Mais problemática foi a questão da frequência de Física I de Engenharia Civil marcada para as 17:45. Os ânimos exaltaram–se, chegando a haver afirmações menos sensatas como "os estudantes que foram à Magna estavam todos bêbados, eles votaram inconscientemente" , "nós não fomos informados que iria haver uma Assembleia Magna no dia 8". Ainda assim o problema foi rapidamente ultrapassado, com a intervenção de alguns universitários como António Silva, JJ e outros, tendo os alunos

consensualmente aceite os argumentos apresentados. Mesmo os estudantes que de início se apresentavam mais relutantes em aceitar o adiamento da frequência saíram dali conscientes de a contestação é justa, e de que todos os universitários têm de contribuir.

António Silva, presidente da DG da AAC, fazendo o balanço desta jornada de luta, considerou que "foi uma grande vitória dos estudantes, e demonstrou a nossa determinação na luta nacional pela melhoria da qualidade de ensino e contra a Lei Quadro". Quanto ao facto da contestação estudantil estar a ganhar fôlego a nível nacional, Tó Silva não se mostrou surpreendido, pois "os nossos colegas sabem que Coimbra é diferente, e estão conscientes da nossa preponderância. Quando Coimbra aposta nestas coisas, eles têm de entrar na luta, pois a batalha é de todos. É uma luta nacional".

Os dois dias de greve movimentaram um grande número de estudantes e, não obstante a maioria ter aproveitado o tempo extra para adiantar o estudo, não faltou animação. Uma carrinha ostentando a sigla FRA (frente revolucionária académica) percorreu as faculdades, falando com os estudantes nas ruas, gritando palavras de ordem e mantendo aceso o espírito crítico desejado.

Para encerrar esta Greve Geral, a AAC organizou um churrasco em frente à Porta Férrea, acompanhado do tradicional Fado de Coimbra, interpretado por um grupo da secção de Fado e tendo como presença especial a sempre irreverente Orxestra Pitagórica.

Especial foi também a atenção concedida por alguns meios de comunicação aos protestos da comunidade universitária, merecendo mesmo transmissões em directo - aparentemente a legitimidade das reivindicações estudantis conquistou o apoio daqueles que têm o poder de divulgar os verdadeiros argumentos da contestação.

A lamentar apenas o autismo indefectível de Marçal Grilo, que se manteve orgulhosamente indiferente à posição dos estudantes que tem o dever de tutelar, abstendo–se de qualquer iniciativa no sentido do tão apregoado diálogo.

***Pedro Silva e Andreia Gouveia***

## Manif em Dezembro

# A QUEIMA DA LEI

***Dia 9 de Dezembro, quando em Assembleia Magna se decidiram as formas de luta contra a Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior (LBFES), ninguém esperava que a manifestação frente ao Governo Civil de Coimbra, agendada para dois dias depois, fosse a mais bem sucedida dos últimos anos.***

Cerca de 5000 estudantes uniram–se em torno de um objectivo comum e desfilaram, ordeira mas energicamente, pelas ruas da cidade, através do tradicional percurso da Queima das Fitas, distribuíndo folhetos explicativos do descontentamento estudantil.

Pelo caminho entregaram um documento reivindicativo da suspensão e revogação da Lei, queimaram cópias do Diário da República em que a LBFES foi publicada, e interromperam simbolicamente o trânsito na ponte de Sta. Clara, naquele que foi unanimemente considerado o primeiro passo firme para a derrocada da Lei.

Os mais de 1000 estudantes presentes no TAGV na Assembleia Magna de 9 de Dezembro prenunciavam uma adesão razoável à iniciativa, mas nada fazia prever a multidão que, a partir das 15 horas, se juntou no Largo D. Dinis, local escolhido para a concentração. O presidente da AAC, António Silva, não se deu todavia por satisfeito e, num rasgo de espontaneidade, lançou o repto para a invasão pacífica das Faculdades mais próximas, com o objectivo de resgatar os alunos em aulas. Divididos em dois grupos, os estudantes percorreram então os corredores das faculdades, gritando palavras de ordem, reclamando " o apoio de todos numa luta que é de todos ". E de facto foram muitos os que abandonaram as salas de aulas, enfrentando o semblante carregado de alguns professores, o encolher de ombros resignado da maioria, e até um ou outro sorriso de encorajamento. O presidente da DG referiu "a falta de informação de alguns estudantes", para justificar esta atitude educativa. Assim consideravelmente reforçados, os estudantes regressaram ao Largo D. Dinis, onde uma multidão os aguardava para iniciar a manifestação (ou mais uma cruzada, como diria o nosso ilustre monarca).

Entrecortada por três faixas onde se podia ler "Bolsas irreais pagam propinas ministeriais", "Ministro sem nível não é elegível" e "Educação é mesmo a nossa paixão", a turba de estudantes encheu então as Escadas Monumentais, numa imagem que, parecendo retirada de um dos grandes épicos do cinema, espantou Coimbra e causou grande embaraço ao Ministério da Educação.




Com uma animação que nada ficou a dever à Queima das Fitas, os estudantes, encabeçados por Tó Silva, inundaram a Praça da República e desceram a Avenida Sá da Bandeira, sempre apoiados pela população que acorreu a ver esta Queima antecipada, e que se mostrou pouco preocupada com a "confusão" (em termos de trânsito) que os estudantes criaram. Na Rua Ferreira Borges o comércio parou para assistir à passagem dos estudantes, que aproveitaram esta atenção extra para distribuir os panfletos que justificavam as suas reivindicações.

Já passava das 17 horas quando se chegou à primeira paragem obrigatória, o Governo Civil de Coimbra, onde o representante do Governador, Benjamim Lousada, esperava António Silva, que lhe entregou um documento denominado "Leis Sem Razão Hipotecam o Futuro da Nação", reivindicando a imediata suspensão da LBFES e posterior revogação. "A Cabra" foi o único órgão de comunicação social que presenciou a conversa, na qual o presidente da AAC referiu a mafia política que rodeou a aprovação desta lei, mostrou-se preocupado com a alta taxa de reprovações de alguns departamentos da UC, e referiu igualmente o facto dos professores se recusarem a avaliar-se uns aos outros.

Cumprida a missão, os estudantes dirigiram–se finalmente para o Parque Dr. Manuel Braga, empunhando cópias a arder do DR em que a Lei foi publicada, num espectáculo de inesquecível força simbólica. No centro do parque um taipal coberto com as mesmas cópias aguardava a chegada da comitiva para, regado com gasolina, arder perante o olhar confiante de todos. Dispostos em círculo, os estudantes entoaram a marcha fúnebre, aquecidos pela ideia da destruição da Lei, que não tardou a apagar–se definitivamente, mas da qual ninguém se esqueceu.

Terminado o programa definido pela AAC, Tó Silva não pôde contudo recusar–se a ocupar a ponte de Sta. Clara, aí fazendo o seu último e breve discurso, congratulando a Academia pela demonstração de unidade, fortalecendo assim a luta contra uma lei que considerou, não apenas injusta, mas também prova irrefutável da quebra do compromisso assumido pelo Governo para com a comunidade universitária.

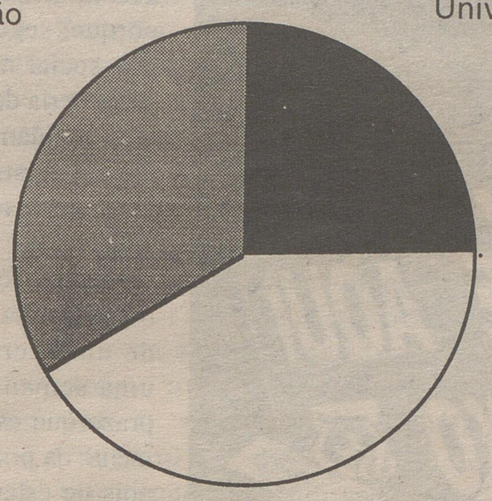
Finalmente, não podemos deixar aqui de salientar a nossa profunda indignação para com a actuação da maior parte dos meios de comunicação social, que dedicaram apenas uns miseráveis comentários de fundo à maior manifestação estudantil dos últimos anos, dando grande cobertura a um "bando de arruaceiros" que em Lisboa resolveram provocar e agredir as forças policiais, que apenas por obrigação profissional ali se encontravam.

O que é feito então da imparcialidade de que tanto se fala?

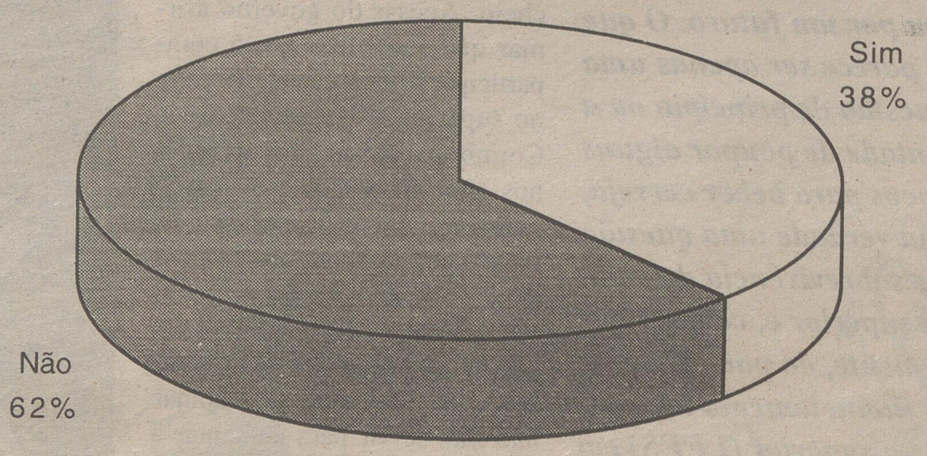
***Andreia Gouveia e Pedro Silva***

# Dois meses de contestação nas ruas

# Inquérito* à População de Coimbra




**Se pagar as propinas, elas servem para :**




**Paga propinas**

Confirmam–se os receios dos mais pessimistas: a população da cidade de Coimbra, sendo a que mais intensamente gravita em torno da sua Universidade, desconhece maioritariamente as razões da contestação académica.

Apesar de a sondagem revelar que a maioria dos cidadãos é, por princípio, contra o pagamento de propinas, o facto é que uma larga faixa não sabe qual o conteúdo da LFES.

Cerca de metade dos inquiridos assumem ignorar os objectivos que esta lei pretende alcançar, mas o aumento das dificuldades no acesso ao Ensino Superior é apontado como a sua principal conseqência.

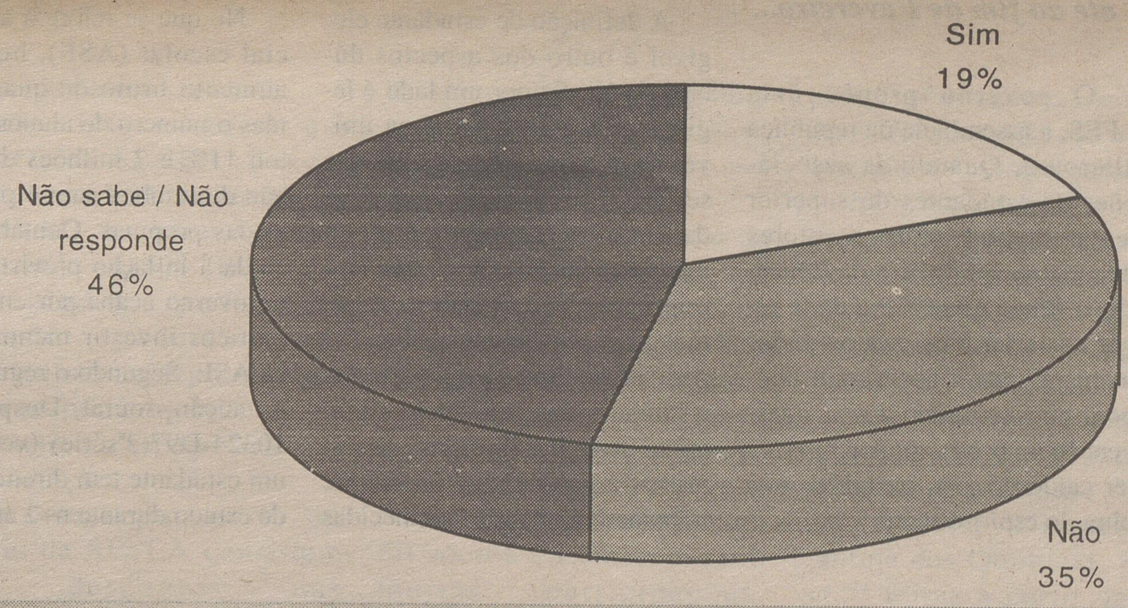
Entre aqueles que concordam com o princípio do pagamento de propinas,a divisão é notória: cerca de 60% está contra a indexação do seu valor ao salário mínimo nacional.

É convicção predominante que o dinheiro das propinas servirá, não para a melhoria das condições nas Universidades, mas para encobrir o desinvestimento do Estado no Ensino Universitário.

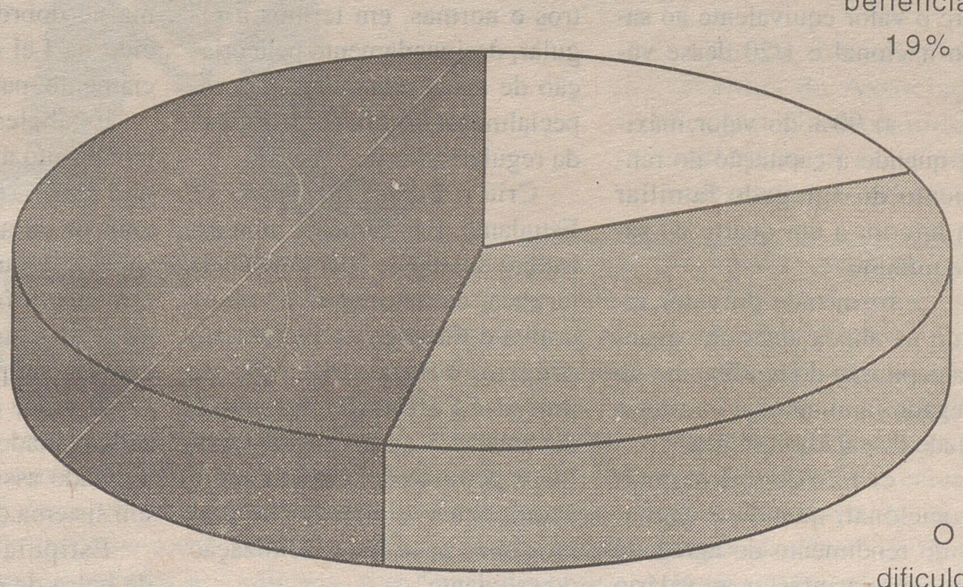
O inquérito permitiu ainda apurar que o pagamento de propinas por parte de estudantes bolseiros é a medida cuja rejeição reúne o maior consenso.

Quanto a formas de luta, a elaboração de uma proposta de lei alternativa a entregar na Assembleia da República è, para a opnião pública, a medida mais razoável e eficaz. Do lado contrário estão os cortes de estrada, cujas consequências parecem agradar a muito poucos. Já manifestações e greve às aulas são consideradas iniciativas aceitáveis, recolhendo mais apoios do que a também recentemente realizada greve de zelo.

A História ensina-nos que a opinião pública é uma aliada imprescindível. A sua sensibilidade deve ser tida em conta em todas as tomadas de atitude, para que possam ter o impacto desejado. O Ministério da Educação tem aproveitado plenamente as lacunas da AAC. A conclusão não pode , pois, ser outra: urge levar até à sociedade em geral os motivos que fundamentam a contestação académica.




**Concorda com a Lei Quadro de Financiamento do ensino superior?**




**A lei contribui para:**

*Janeiro 1998*

**Inquérito realizado em Dezembro e Janeiro a um universo de 200 cidadãos de Coimbra, sem ligação directa ao Ensino Superior.*

## Lei de Finaciamento do Ensino Superior e Acção–Social Escolar

# Cala-te e paga

***Mais do que uma luta contra um presente envenenado, os estudantes lutam por um futuro. O que parece ser apenas uma questão de princípio ou a vontade de poupar alguns trocos para beber cerveja, é na verdade uma questão de sobrevivência do ensino superior e, consequentemente, do país. Uma lei de financiamento do ensino superior (LFES) em que o estado diz pretender reforçar a sua intervenção no orçamento das instituições de ensino superior, mas que na prática permitiu ao governo investir menos 3,8 %, é o ponto de ataque.***

***Por enquanto, todos os alunos da UC vão ter de pagar cerca de 28 contos até ao fim de Fevereiro...***

O governo propôs uma LFES, a assembleia da república alterou-a. Quando as associações de estudantes do superior tentaram confrontar os autores da mesma, o Ministro da Educação afirmou que deixou de se rever nesta lei e os grupos parlamentares que a aprovaram também não assumem a sua intervenção no processo. A lei parece ter caído do céu, ou talvez seja obra do espírito santo.

Basicamente a lei é uma declaração de boas intenções. Mas, de intenções está o inferno cheio. Apesar do governo afirmar que aumentou a sua comparticipação nos custos do ensino superior, a Universidade de Coimbra recebeu este ano menos 400 mil contos que no ano anterior, passando–se algo de semelhante um pouco por todo o lado. Tornando–se assim essencial o dinheiro das propinas para que os estabelecimentos possam funcionar. Portanto, as propinas não irão servir para aumentar a qualidade, como o ministro afirma, mas apenas para permitir o funcionamento nas péssimas condições actuais. Faltam salas de aulas, faltam computadores, faltam professores, falta uma estratégia orientadora do desenvolvimento do ensino superior no sentido de, cada vez mais, ir de encontro às necessidades reais do país...

Feitas as contas, o estado investe menos 3,8 % no ensino superior.

A definição de estudante elegível é outro dos aspectos dúbios da lei. Se por um lado é legitimo que quem anda na universidade só a passear, ceda o seu lugar a quem pretende verdadeiramente arranjar um diploma; também é verdade que isso implicará o fim de toda uma tradição de academismo essencial para a formação extra–curricular e humana dos estudantes. Bem como será difícil, muitas vezes, provar a condição de estudante trabalhador, dadas as conhecidas relações laborais que abundam em portugal.




No que se refere à acção social escolar (ASE), houve um aumento bruto de quase 20%, mas o número de alunos aumentou 11% e 2 milhões de contos vão direitinhos para o pagamento das propinas. Contabilizando ainda a inflação prevista, 2,1%, o governo acaba por em termos práticos investir menos 4,67% na ASE. Segundo o regulamento da acção–social, Despacho nº 10324-D97(2ªsérie) (ver caixa), um estudante tem direito a bolsa de estudo durante n+2 anos, sendo n o número de anos de duração normal do curso frequentado. No ar fica a pergunta, porquê n+2 se em alguns cursos o estudante é elegível durante n+3? Na prática significará que os estudantes mais carenciados terão direito a menos um ano lectivo do que os seus colegas para acabar o mesmo curso. Em causa fica o princípio da igualdade que o governo tanto gosta de usar como bandeira. Para mais, o estudante que chumba o amno só tem direito a bolsa se obtiver aproveitamento equivalente a 40% de um ano nromal, o que na prática é quase uma passagem.

Na LFES promete–se a criação de empréstimos visando a autonomização do estudante, porque, segundo parece, a acção–social não é tão suficiente como seria de desejar. Aparte isto, a regulamentação dos referidos empréstimos ainda não foi feita, nem se prevê que o seja para breve.

A definição dos prazos para o pagamento da propina, através de um decreto–lei publicado uma semana antes do fim do prazo que estipula para o pagamento da primeira prestação, depois de estar aprovado há mais de um mês, levanta dúvidas sobre as intenções do governo. Deste modo, praticamente ninguém está a cumprir os prazos. Em Coimbra o reitor descobriu uma engenhoca que permitiu alargar os prazos de pagamento. Considerando os 1200 escudos pagos no acto de inscrição por cada aluno como a primeira prestação da propina, os estudantes de coimbra passam a ter de pagar mais alguma coisa só até ao fim de Fevereiro, cerca de 28 mil escudos, tendo de pagar o restante até 31 de Maio.

Estes argumentos serviram de base ao pedido de revogação da lei que o presidente da DG, António Silva, entregou a no Governo Civil de Coimbra no dia 9 de Dezembro do ano passado - aguardam–se desenvolvimentos.

***MP***

## LFES

Lei nº 113/97
de 17 de Setembro

Inumera mil e uma intenções de melhorar o ensino superior, "concretizar o direito à igualdade de oportunidades no acesso, frequência e sucesso escolar", garantir os princípios da "responsabilização financeira do estado", democraticidade, universalidade, justiça e equidade. Quase parece um tratado filosófico sobre boas intenções.

Estabelece como estudante elegível todo aquele que, comulativamente, está em condições de concluir o respectivo curso em n+2 anos se o curso tiver uma duração de 4 anos ou n+3 caso o curso tenha uma duração superior, sendo n o número de anos de duração do curso. A lei nada afirma sobre as consequências da perda de elegibilidade, sabe–se no entanto que isso implicará que o estudante para poder continuar a estudar terá de pagar integralmente o custo do curso que frequenta. A contagem dos chumbos, inicia–se no ano lectivo 97/98.

A propina: taxa de frequência uniforme que visa garantir a comparticipação do estudante nos custos do ensino. "A propina é independente do nível sócio–económico do estudante e do estabelecimento e curso por ele frequentado, sendo o seu montante anual igual valor mensal do salário mínimo nacional vigente no início ano lectivo". As propinas são receitas próprias das instituições. O não pagamento da propina implica a nulidade de todos os actos curriculares praticados no ano lectivo a que o incomprimento se frefere.

Estabelece os valores mínimos das bolsas de estudo a atribuir aos estudantes carenciados. Entre o valor equivalente ao salário nacional e 1/20 desse valor.

a) 90% do valor máximo, quando a capitação do rendimento do agregado familiar seja inferior a um quarto do salário mínimo.

b) metade do valor referido na alínea anterior, quando a capitação do rendimento do agregado familiar seja inferior a metade do salário mínimo.

c) 1/20 do salário mínimo nacional, quando a capitação do rendimento do agregado familiar seja inferior ao salário mínimo nacional.

Empréstimos para autonomização do estudante(?). Com o objectivo de possibilitar ao estudante a sua autonomização financeira, o Estado apoiará sistemas de empréstimos que tenham em consideração parâmetros e normas, em termos a regular, designadamente pela criação de taxas renumeratórias especialmente bonificadas. Aguarda regulamentação.

Cria o Fundo de Apoio ao Estudante. Basicamente uma estrutura dotada de "personalidade jurídica, de autonomia administrativa e financeira e património próprio, com a atribuição de proceder à afectação das verbas destinadas à acção social escolar e promover, coordenar e acompanhar o sistema de empréstimos para a autonomização do estudante".

**Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior Público**

despacho nº 10324-D97

Fixa o valor da bolsa mínima no dobro do valor estabelecido na Lei de Bases de Financiamento, passa a 1/10.

Estabelece que o estudante tem direito a bolsa de estudo em n+2 anos, sendo n o número de anos de duração normal do curso, desde que obtenha aproveitamento mínimo, aprovação a 40% do equivalente a um ano normal completo.

O valor das bolsas passa a ser calculado de forma contínua, evitando assim as injustiças que um sistema de escalões implica.

Estipula um complemento de bolsa de estudo para os estudantes deslocados.

## Novas secções na AAC

# Leitura e Gastronomia ganham espaço próprio

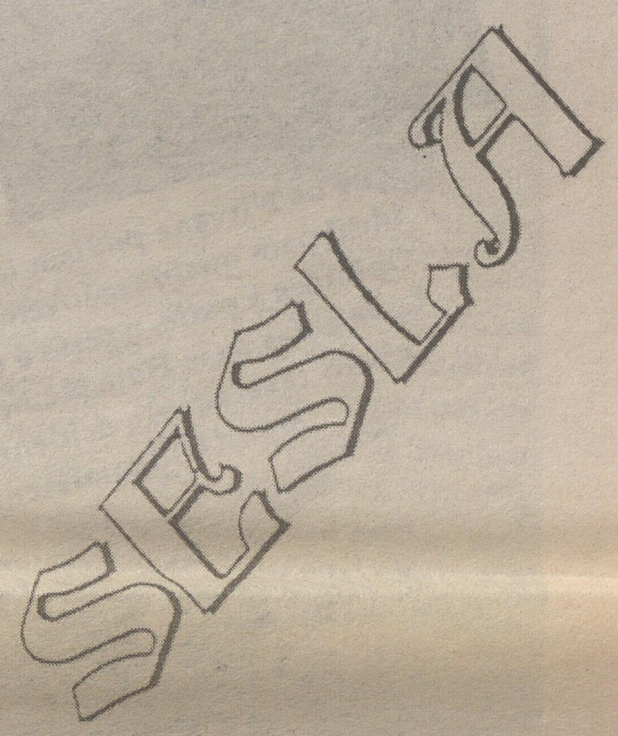
A SESLA é o novo espaço cultural da Academia. A iniciativa de formar uma Secção de Escrita e Leitura partiu de um grupo de amigos que pretende incentivar o debate sobre literatura.

Salientando o facto de haver uma lacuna a este nível, Ana Paula Santos, estudante de Direito e presidente da secção, explica: "Todos nós gostamos de ler e de escrever (...) e sentimos necessidade de um espaço onde pudessemos estar todos reunidos para ler e para escrever e para mostrarmos, uns aos outros, as nossas coisas".

Os cerca de cem primeiros sócios responderam positivamente a este novo projecto o que vem comprovar a vontade de colaborar com uma "secção deste género", mais aberta, e não em "grupos isolados". A SESLA contou ainda com o "apoio claro da Direcção Geral da AAC, que acompanhou este processo de nascimento".

São já bastantes as actividades que esta secção se propõe dinamizar, nomeadamente promover encontros com escritores, divulgar trabalhos literários de sócios e realizar concursos literários "para premiar quer as pessoas que têm jeito quer mesmo as que não têm". Não querendo adiantar muito mais, Ana Paula acrescenta apenas que "já está tudo programado" e acentua o poder do "efeito surpresa" como forma de "cativar as pessoas para a secção".






Os interessados em aderir à SESLA devem dirigir-se à Direcção Geral da AAC ou procurar nos átrios das diversas faculdades, onde esta secção poderá estar pontualmente representada, já que por enquanto ainda não tem um espaço físico na Associação.

As vantagens de se ser sócio da SESLA consistem em descontos nas actividades propostas e "prevê-se até que se consigam descontos para os sócios em livrarias e noutras áreas que tenham a ver com a secção".

Outra das secções mais recentes da Associação é a Secção Gastronómica, que organizou já um Congresso realizado no Auditório da Reitoria a fim de consolidar a sua existência, que teve início a 8 de Abril do ano passado.

Como se lê no folheto da apresentação da secção, "as razões que levaram ao surgimento de tal projecto foram, principalmente, a inexistência de uma actividade deste tipo, dentro da Academia Coimbrã".

Este espaço conta já com 50 sócios efectivos e com muitas participações, principalmente de estudantes vindos dos PALOP's ou do programa ERASMUS, que divulgam a gastronomia do seu país de origem e em troca ficam a conhecer um pouco dos hábitos culinários portugueses.

Os nove membros fundadores desta secção ressaltam ainda a importância de promover uma "educação alimentar entre os seus sócios" e "um são convívio entre pessoas".

Esta secção não tem fins lucrativos e visa apenas incentivar "a prática da actividade culinária e divulgar hábitos de higiene e saúde alimentar".

As iniciativas básicas consistem em "aulas" teóricas e práticas, tendo lugar, estas últimas, na cantina das Químicas, todas as 5ª feiras a partir das 19 horas. Nestes encontros, é lançada a proposta da confecção de um prato, "cozinha-se, prova-se, lava-se a louça e, geralmente, elogia-se".

Para os que ficaram com água na boca, resta sugerir que se dirijam ao 5º piso da AAC e "Bon Appettit!"

***Sofia Branco***
***Susana Ribeiro***

## Poesia abre as hostes

"Vem ouvir quem sabe dizer poesia. Assiste a um momento diferente". Foi desta maneira que a SESLA convidou os seus sócios e todos os interessados a participarem no recital de poesia que inaugurou este projecto.

O evento decorreu no dia 16 de Dezembro último, no Centro Cultural D. Dinis e contou com a brilhante presen≤a de Pedro Parada que, acompanhado ao piano por Rui Alves, declamou textos de autores portugueses! - "Tentei de alguma forma escolher os poetas que realmente marcaram a poesia portuguesa e com um cuidado especial com aqueles que passaram por Coimbra, de uma forma ou de outra"; explica assim Pedro Parada a escolha do reportório, que englobou textos de Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Camões, Miguel Torga e José R≥gio.

De uma forma apaixonada e com uma expressividade frenética, este jovem promissor percorreu, durante cerca de 30 minutos, o ritmo alucinante das poesias da Álvaro de Campos, o clássico "Mensagem" de Pessoa ortónimo, o simbolismo de Pessanha, a lírica camoniana, as raízes de Torga e o fôlego literário de José Régio.

Embora acredite que todo o tempo seja bem empregue a ler, "seja lá o que for", Pedro Parada exalta a importância da "lermos o que é nosso", afirmando "a nossa posição em Portugal como portugueses, porque nesta história da União Europeia, corremos o risco de nos transformarmos em estância de turismo".

No entanto, à parte de tudo isto, o que resta é "a arte, e mais concretamente a escrita, e mais especificamente a poesia". Afinal de contas, Pedro Parada jurou amor á sua dama, "à mágica senhora das paixões"(Torga),- a poesia!

Surpreendido e satisfeito com a sessão poética, o público dirigiu-se de seguida, com igual entusiasmo, à sala contígua onde decorreu um lanche-convívio, patrocinado pelos Serviços Sociais, e durante o qual muitos se fizeram sócios da Sesla.

# Um buraco chamado Love

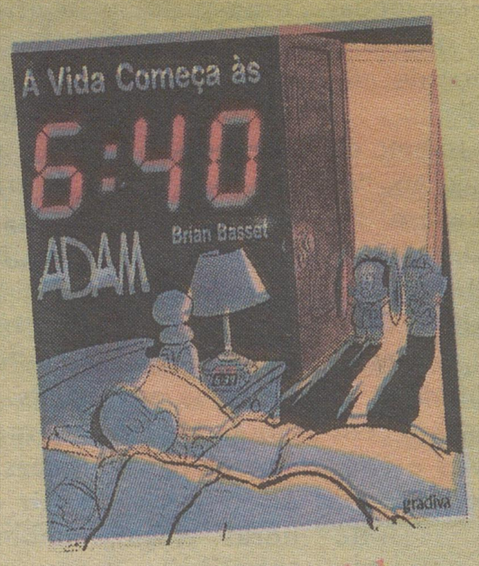



**Estava casada com Kurt Cobain dos Nirvana e esperava mesmo um filho dele quando resolveu posar nua para uma revista da especialidade (para mostrar a barriga, claro). Para muitos, ela foi a causa principal da morte do vocalista dos Nirvana. Para mim, foi apenas a melhor directora de Marketing a que os Nirvana podiam ter aspirado e a "psiquiatra" ideal para qualquer jovem com aspirações a Pop-star. Opiniões à parte, o certo é que a carreira de Courtney Love e das suas Hole também muito ganhou quando Cobain teve aquele acidente doméstico que o vitimou (acidentalmente, a pistola de Cobain disparou enquanto este brincava à roleta russa). Só que não é desses voos que trata "My body, the hand grenade". Compilando a faceta mais obstinada de uma das mais interessantes bandas femininas do momento, o "novo" registo das Hole é, antes de mais, um documento de primeiras tapes, trabalhos não editados, só editados em single ou gravados para o MTV unplugged. Segundo Eric Erlandson, o único elemento masculino da banda, o problema foi mesmo recuperar as primeiras demos. E percebe-se essa preocupação já que as "first steps" são, na realidade, a grande valia de "My body, the hand grenade".**

**Como curiosidade fica a dedicatória do álbum a Kurt Cobain e a Kristen Pfaff, a antiga baixista da banda que morreu, também ela, num acidente doméstico com uma seringa enquanto brincava aos enfermeiros...**

**PA**

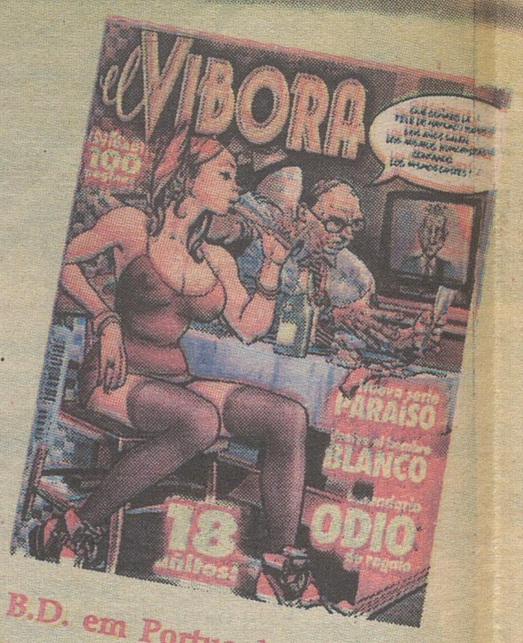
# Adam... o domestico




**Também neste natal, surge o segundo título da série "Adam", que dá pelo nome de "A Vida Começa ás 6:40". Para quem não adquiriu o primeiro álbum, Adam é um "dono-de-casa", que passa o dia a realizar árduas tarefas domésticas, como dormir. Os ressonares são apenas interrompidos pelo berreiro dos seus três filhos ou a chegada da sua mulher a casa. Esta obra é do mesmo tipo de "Calvin & Hobbbes" (tiras) e da mesma editora "Gradiva". O responsável por esta grande serie é Brian Basset, que consegue tornar "Adam" num título que possivelmente, terá tanto sucesso quanto "Calvin".**

**NC**

# El Vibora atinge maioridade




**Com toda esta tentativa de afirmação de Nacionalismo (à muito perdido), que assola o nosso pequeno pais, achei conveniente marcar esta data e dar os parabéns (pelos 18 anos) a mais um "invasor" do mercado Português, "El Vibora". A Bíblia do comic para adultos e "Underground" mundial, vem preenchendo as estantes dos importadores de B.D. em Portugal a alguns anos. O sucesso deve-se apenas, à qualidade de todos os autores que mensalmente são publicados. Entre estes destacam-se Peter Bagge (hate), König (Konrad y Paul), Jaime Martin (Sangue de Bairro), Miguel Angel Martin (Brian the Brain), Max (peter Punk) e alguns novos talentos que vão surgindo na B.D.. Só espero que continuem a "invadir" o nosso pais, se possível por mais 18 anos, Parabéns.**

**NC**

## manson.net

anda passa, cada vez mais, pela capacidade de saber imagem. Sob este ponto de vista, a Internet aparece o meio para alcançar os fins desejados. As páginas s transformam-se em verdadeira fonte de informação ficial. A dos Marilyn Manson não é, por isso, excep- Aliás, o site é óptimo. O proble-

ma é, como em muitas outras páginas, descobrir o que é, ou não, verdade. Por exemplo, o próximo álbum da banda sai em Fevereiro, Março ou em Abril, ou talvez em Maio, quem sabe?!?... Pelo menos, rumores da participação nesse álbum de Billy Corgan dos Smashing Pumpkins, dos The Dust Brothers ou dos Tricky não faltam. No entanto, a mais curiosa das (des)informações é a que referencia as conversações dos Marilyn Manson com Calvin Klein para a produção de uma nova fragrância de nome "Sodom".

A foto, ao que tudo indica, é uma proposta para um futuro anúncio da Calvin Klein. I like here, I like here, I like here...

*PA*



## Novo Roach

Mais naturalista e World Music do que é habitual, o novo registo de Steve Roach parece ser fruto das (boas) influências, arrastadas da magnífica criação que foi "Halcyon days", de Stephen Kent e Kenneth Newby. Pelo menos, "On this planet", assim se denomina o novo registo, está longe de ser uma evolução natural de "Magnificent void", o seu último registo a solo. As habituais ambiências Space servem agora de fundo às criações dos novos automatismos de improvisação de Roach, que se aproximam mesmo dos próprios Trance Mission de Kent e Newby.




É claro que isto não quer dizer que "On this planet", apesar de altamente recomendável, seja qualitativamente comparável a "Halcyon days". No entanto, Roach (a)parece agora com outras capacidades dissuasivas nas suas estruturas hipnóticas. A Space Music continua lá, é certo. Contudo, as viagens aproximam-se, cada vez mais, do planeta Terra.

*PA*

## Reduzindo Mordillo

"Mordillo Para Malucos da Bola" foi um dos quatro títulos, desta colecção de formato reduzido (18X13), que a Meribérica lançou neste natal. Guillermo Mordillo nasceu na Argentina e desde tenra idade, inicia a sua vida artística como ilustrador de livros infantis. Emigra para os States onde trabalha para a Paramont Pictures em animações como Popeye e Little Lulu. Mas é em 1963 que o seu trabalho como cartoonista começa a ser reconhecido e os seus desenhos e animações se espalham pelo mundo, tornando-o no autor mais conhecido do seu género. Nesta "pequena" colecção "Mordillo Para ...", encontra-se uma retrospectiva dos seus álbuns anteriores e este título não foge à regra.

*NC*




® © Paulo Antunes & Nuno Catarino

# Um buraco chamado Love




Estava casada com Kurt Cobain dos Nirvana e esperava mesmo um filho dele quando resolveu posar nua para uma revista da especialidade (para mostrar a barriga, claro). Para muitos, ela foi a causa principal da morte do vocalista dos Nirvana. Para mim, foi apenas a melhor directora de Marketing a que os Nirvana podiam ter aspirado e a "psiquiatra" ideal para qualquer jovem com aspirações a Pop-star. Opiniões à parte, o certo é que a carreira de Courtney Love e das suas Hole também muito ganhou quando Cobain teve aquele acidente doméstico que o vitimou (acidentalmente, a pistola de Cobain disparou enquanto este brincava à roleta russa). Só que não é desses voos que trata "My body, the hand grenade". Compilando a faceta mais obstinada de uma das mais interessantes bandas femininas do momento, o "novo" registo das Hole é, antes de mais, um documento de primeiras tapes, trabalhos não editados, só editados em single ou gravados para o MTV unplugged. Segundo Eric Erlandson, o único elemento masculino da banda, o problema foi mesmo recuperar as primeiras demos. E percebe-se essa preocupação já que as "first steps" são, na realidade, a grande valia de "My body, the hand grenade".

Como curiosidade fica a dedicatória do álbum a Kurt Cobain e a Kristen Pfaff, a antiga baixista da banda que morreu, também ela, num acidente doméstico com uma seringa enquanto brincava aos enfermeiros...

*PA*

# www.marilyn-manson.net

O sucesso de uma banda passa, cada vez mais, pela capacidade de saber gerir a sua própria imagem. Sob este ponto de vista, a Internet aparece como um magnífico meio para alcançar os fins desejados. As páginas das diversas bandas transformam-se em verdadeira fonte de informação e desinformação oficial. A dos Marilyn Manson não é, por isso, excepção. Aliás, o site é óptimo. O problema é, como em muitas outras páginas, descobrir o que é, ou não, verdade. Por exemplo, o próximo álbum da banda sai em Fevereiro, Março ou em Abril, ou talvez em Maio, quem sabe?!?... Pelo menos, rumores da participação nesse álbum de Billy Corgan dos Smashing Pumpkins, dos The Dust Brothers ou dos Tricky não faltam. No entanto, a mais curiosa das (des)informações é a que referencia as conversações dos Marilyn Manson com Calvin Klein para a produção de uma nova fragrância de nome "Sodom".

A foto, ao que tudo indica, é uma proposta para um futuro anúncio da Calvin Klein. I like here, I like here, I like here...

*PA*



# Adam... o domestico

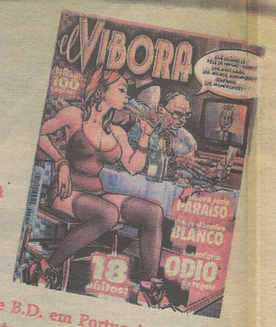



Também neste natal, surge o segundo título da série "Adam", que dá pelo nome de "A Vida Começa ás 6:40". Para quem não adquiriu o primeiro álbum, Adam é um "dono-de-casa", que passa o dia a realizar árduas tarefas domésticas, como dormir. Os ressonares são apenas interrompidos pelo berreiro dos seus três filhos ou a chegada da sua mulher a casa. Esta obra é do mesmo tipo de "Calvin & Hobbbés" (tiras) e da mesma editora "Gradiva". O responsável por esta grande serie é Brian Basset, que consegue tornar "Adam" num título que possivelmente, terá tanto sucesso quanto "Calvin".

*NC*

# El Vibora

## atinge maioridade




Com toda esta tentativa de afirmação de Nacionalismo (à muito perdido), que assola o nosso pequeno pais, achei conveniente marcar esta data e dar os parabéns (pelos 18 anos) a mais um "invasor" do mercado Português, "El Vibora". A Bíblia do comic para adultos e "Underground" mundial, vem preenchendo as estantes dos importadores de B.D. em Portugal a alguns anos. O sucesso deve-se apenas, à qualidade de todos os autores que mensalmente são publicados. Entre estes destacam-se Peter Bagge (hate), König (Konrad y Paul), Jaime Martin (Sangue de Bairro), Miguel Angel Martin (Brian the Brain), Max (peter Punk) e alguns novos talentos que vão surgindo na B.D.. Só espero que continuem a "invadir" o nosso pais, se possível por mais 18 anos, Parabéns.

*NC*

# Novo Roach

Mais naturalista e World Music do que é habitual, o novo registo de Steve Roach parece ser fruto das (boas) influências, arrastadas da magnífica criação que foi "Halcyon days", de Stephen Kent e Kenneth Newby. Pelo menos, "On this planet", assim se denomina o novo registo, está longe de ser uma evolução natural de "Magnificent void", o seu último registo a solo. As habituais ambiências Space servem agora de fundo às criações dos novos automatismos de improvisação de Roach, que se aproximam mesmo dos próprios Trance Mission de Kent e Newby.




É claro que isto não quer dizer que "On this planet", apesar de altamente recomendável, seja qualitativamente comparável a "Halcyon days". No entanto, Roach (a)parece agora com outras capacidades dissuasivas nas suas estruturas hipnóticas. A Space Music continua lá, é certo. Contudo, as viagens aproximam-se, cada vez mais, do planeta Terra.

*PA*

# Reduzino Mordillo

"Mordillo Para Malucos da Bola" foi um dos quatro títulos, desta colecção de formato reduzido (18X13), que a Meribérica lançou neste natal. Guillermo Mordillo nasceu na Argentina e desde tenra idade, inicia a sua vida artística como ilustrador de livros infantis. Emigra para os States onde trabalha para a Paramont Pictures em animações como Popeye e Little Lulu. Mas é em 1963 que o seu trabalho como cartoonista começa a ser reconhecido e os seus desenhos e animações se espalham pelo mundo, tornando-o no autor mais conhecido do seu género. Nesta "pequena" colecção "Mordillo Para ...", encontra-se uma retrospectiva dos seus álbuns anteriores e este título não foge à regra.

*NC*




® © Paulo Antunes & Nuno Catarino


Bodas
de
Ouro

## "A Cabra" em inquérito aos estudantes

# As Cantinas que temos

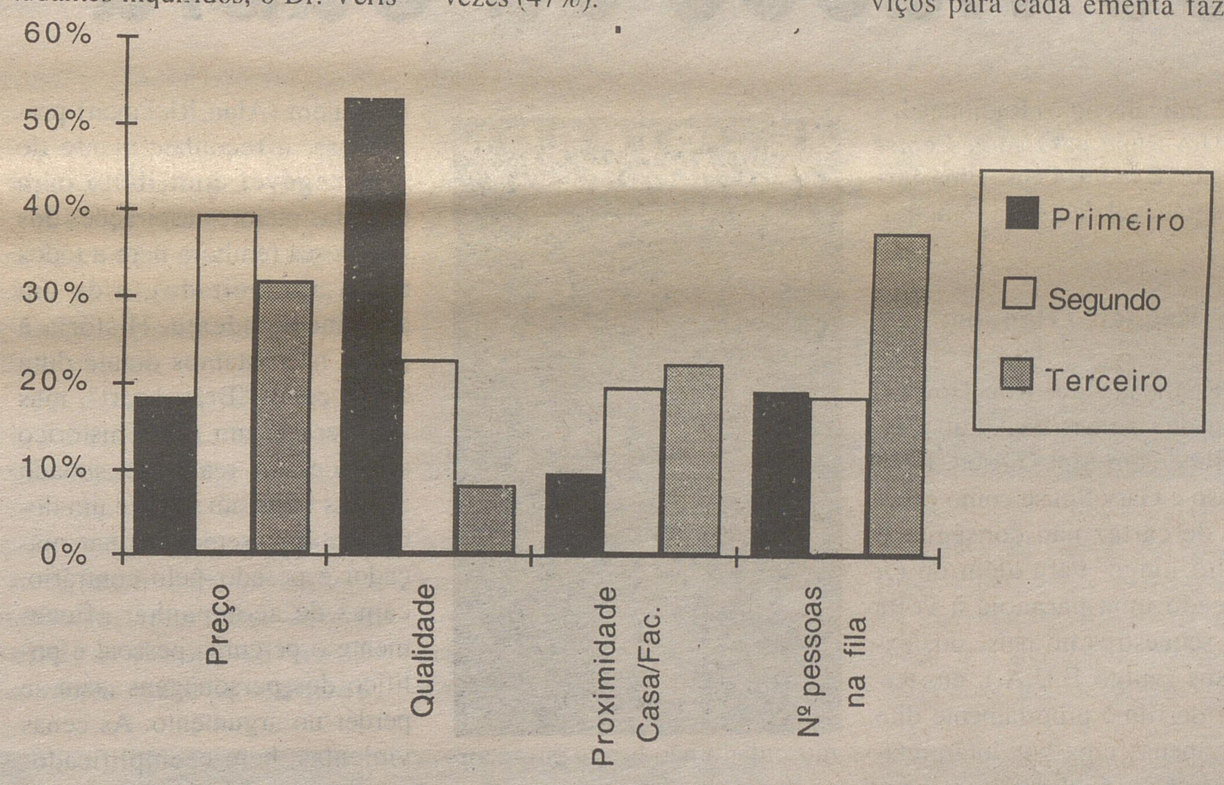
***Falar de gastronomia é sempre um assunto delicado. São poucos os assuntos em que a máxima "os gostos não se discutem" se aplica com tanta pertinência. E é precisamente de gastronomia e daquilo que a envolve no meio universitário de Coimbra que aqui tratamos. Um assunto que mexe com todos. Pois, não temos todos que comer?***

Fomos ouvir, primeiro, aqueles que põem a máquina a funcionar, nomeadamente o director dos Serviços Sociais responsável pelas cantinas, Dr. Veríssimo, e depois os mais interessados na existência das cantinas, os que lá comem. Para obtermos dos estudantes uma opinião minimamente abrangente acerca das cantinas realizamos um inquérito. Responderam 98 estudantes que se encontravam na fila de várias cantinas à espera da sua vez para almoçar.

Em Coimbra existem 14 cantinas, distribuídas assim: Complexo das Cantinas Centrais – Sala A, Grill e Snack–Bar-; Amarela – refeição tradicional, Grill e vegetariana -; Restaurante Universitário do Hospital Velho – refeição tradicional, Snack–Bar - ; Químicas, com refeição tradicional ao almoço; Sereia, que serve no sistema de Snack–Bar; o ISCA, com refeição tradicional; ISEC; e Pólo II (em electrotecnia) – refeição tradicional e Snack–Bar.

Temos então sete cantinas de prato único, ainda que todas elas apresentem um prato alternativo, normalmente de peixe, já que aquele é quase sempre de carne, em que a refeição completa custa 280$00. Um preço que, naturalmente, não cobre os custos totais da refeição e que é fixado a nível governamental. E existem ainda duas cantinas de grelhados e quatro snack´s, em que a escolha é mais alargada e os preços um pouco mais altos e a cantina vegetariana. Todas elas são propriedade dos Serviços Sociais. Pela Páscoa está prevista a abertura de uma novo complexo de cantinas, no Pólo II, constituído por um cantina de "prato único", um snack–bar e um serviço de restaurante à lista.

Estas cantinas servem uma média de dez a onze mil estudantes por dia. Face a este quadro, pergunta–se: existirão cantinas em número suficiente para procura de que são alvo? A grande maioria do estudantes inquiridos, 68%, entende que não. A tal não será certamente estranho o longo tempo de espera a que todos os dias os estudantes são submetidos, principalmente ao almoço, depois das 13h. E se por volta dessa hora as cantinas estão quase sempre a abarrotar isso se deve ao facto de, segundo o inquérito realizado, 20% dos estudantes almoçarem 3 a 4 vezes por semana na cantina e de 63% dos inquiridos o fazer 5 ou mais vezes semanalmente. Já ao jantar a afluência é bastante menor: 45% afirma que nunca janta na cantina ou só o faz um a duas vezes por semana. Daí que, ao contrário da maioria dos estudantes inquiridos, o Dr. Veríssimo não considere o número de cantinas insuficiente, embora reconheça a maior afluência e os problemas que ela traz, às 13h. Com a construção do Pólo II e das respectivas cantinas e o despovoamento do centro universitário, diz o Dr. Veríssimo que o problema da disponibilidade fica resolvido e os estudantes deixarão de Ter razões de queixa.

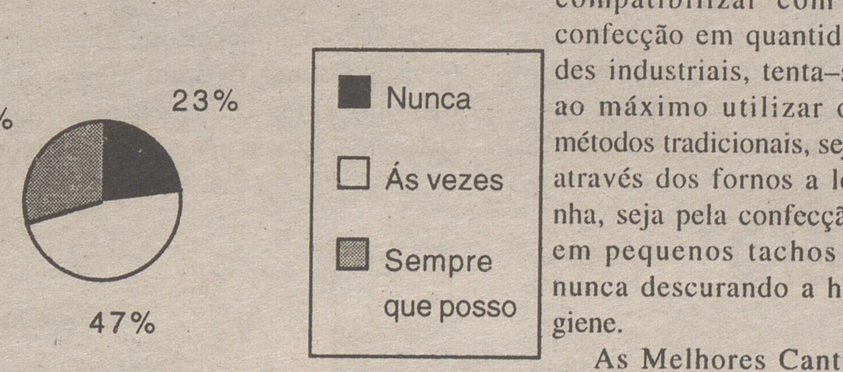



Os critérios de escolha das cantinas, por ordem de importância

### O Golpe

As cantinas de Coimbra empregam cerca de 300 pessoas, "bons profissionais", na opinião do seu director, a quem todos os anos são ministradas acções de formação. Pessoal que não está habituado apenas a servir os estudantes, pois são frequentes os congressos a que os Serviços Sociais são chamados a servir. E até o Presidente da República já comeu numa das nossas cantinas. Quanto ao atendimento prestado, 64% dos estudantes consideram–no razoável, 18% bom e 17% mau. De há algum tempo para cá é notada a presença de "securitas" junto às filas para as cantinas, que é justificada com o propósito de dignificar o serviço, de evitar a infiltração de pessoas que nada têm a ver com a Universidade. Muitos são os que se queixam da sua passividade face a uma das instituições das cantinas de Coimbra – o golpe. E se os "securitas" não têm por missão fundamental evitá–lo, também a grande maioria dos estudantes não tem legitimidade para criticá–los. A verdade è que apenas 23% dos estudantes diz que nunca dá o golpe. Os restantes, 77%, dão–no: uns mais, sempre que podem (30%), outros menos, só às vezes (47%).

Dou o golpe




### As Ementas

Até à dois anos atrás, nas cantinas de "prato único", as ementas variavam entre um prato de peixe ao almoço e um de carne ao jantar, ou vice–versa. Desde aí, é a carne que predomina, invariavelmente, ao almoço e ao jantar. Os Serviços procuraram ir ao encontro dos gostos da maioria dos estudantes, que preferem a carne ao peixe. Não deixou, no entanto, de ser servido peixe nos snack´s e grill´s e mesmo nas cantinas de prato único, como prato alternativo. Nestas cantinas o plano semanal da ementa é igual para todas elas e tem a duração de um semestre. Interrogado se tal não seria um período demasiado longo e fastidioso para os estudantes, que eram como que obrigados a comer sempre as mesmas refeições, o Dr. Veríssimo respondeu que não se obriga ninguém a ir à cantina de prato único e que aquela duração é necessária por questões de planeamento, que acaba por beneficiar o utente.

Na formação de uma ementa é procurado um equilíbrio alimentar. Conscientes, porém, que, dada a variedade de ementas disponíveis e que podem ser combinadas, cada pessoa possa realizar o seu equilíbrio, os serviços para cada ementa fazem uma avaliação e elaboram um mapa com os valores calóricos dos ingredientes.

A linha orientadora que está sempre presente é fazer reviver a alimentação dos nossos avós, a alimentação tradicional. Ainda que tal seja difícil de compatibilizar com a confecção em quantidades industriais, tenta–se ao máximo utilizar os métodos tradicionais, seja através dos fornos a lenha, seja pela confecção em pequenos tachos e nunca descurando a higiene.

As Melhores Cantinas...e as piores

As melhores cantinas são os snack´s. E destes o melhor é o do restaurante da Sereia. Dos estudantes inquiridos que a conhecem 72% consideram a sua qualidade boa ou muito boa. A seguir vem o snack do Complexo Central, com 59%, e do Hospital Velho, com 40%.

Qualidade razoável ou "nem boa, nem má", têm, segundo a maioria dos utentes, a Sala A, 67%, os grill´s do complexo central, 65%, e da Amarela, 76%, e as cantinas do Hospital Velho, 62%, e das Químicas, 68%. No limiar entre o "nem boa, nem má", e "má" está a qualidade da cantina de prato único das Amarelas, com 33% para cada lado. A cantina vegetariana é aquela onde mais se espelha o provérbio "gostos não se discutem", pois a apreciação da qualidade está bastante repartida: é boa para 22%, razoável ou "nem boa, nem má" para 55% e má para 24%.

Não se consideram aqui as avaliações à qualidade das cantinas do ISEC, do ISCA e do Pólo II, na medida em que a grande maioria dos inquiridos não as conhece.

E quais os factores que cada um considera determinantes para escolher uma cantina e não outra? Em primeiro lugar está indiscutivelmente a qualidade. 76% dos inquiridos consideram–no como o primeiro, 53%, ou segundo, 23% elemento determinante para optar por um cantina. Depois vem, para a maioria, o preço, o número de pessoas na fila e, finalmente, a proximidade de casa ou da Faculdade.

### Uma Mensagem

Os Serviços Sociais, maxime os seus principais responsáveis, apesar de uma permanente insatisfação, derivada da consciência de ser sempre possível fazer melhor, têm uma certa vaidade no serviço que proporcionam aos estudantes nas cantinas de Coimbra. Estas são, por eles e por quem é de fora, consideradas ao nível das melhores do país. Daí que o Dr. Veríssimo, após visitas a várias cantinas no centro da Europa, tenha de lá "voltado satisfeito, porque nada viu que pudesse transportar para cá com vantagem, até porque a alimentação portuguesa é muito diferente. No entanto, claro que há equipamentos e sistemas que devem ser aproveitados, dada a sua melhor operacionalidade.

O Dr. Veríssimo acaba com uma mensagem: "estamos abertos a sugestões e qualquer crítica é bem–vinda, pois só assim poderemos melhorar. O estudante deve lutar pelas mudanças. Queremos misturar o estudante com os trabalhadores, para que o estudante saiba como as coisas se fazem, possa dar ideias e que as coisas corram melhor".

tinas em número suficiente para considerar

***Nuno Brandão***

# Os vídeos da Cabra




**William Shakespeare's Romeu + Julieta**

Baz Luhrmann filma Shakespeare numa cidade dos nossos tempos. Substitui as espadas por pistolas e metrelhadoras, os cavalos por carros bem potentes e junta tudo isto muito fogo de artífício e um ritmo de que poucos se lembrariam, mantendo no entanto imutável o texto original da peça.

Esta tentativa de conjugar a intensidade do fogo de artífício com a intemporalidade da obra de Shakespeare - de forma a compensar a efemeridade do primeiro? - resulta mais ou menos bem conseguida. Se bem que a redução do campo de visão na passagem ao video, reduza significativamente a intensidade visual e por vezes dificulte mesmo a percepção de algumas cenas, em consequência da conjugação de uma elevada velocidade de montagem com a sistemática recorrência aos grandes planos dos actores em movimento.

Excelentes são as actuações de Leonardo Dicaprio - que pena ser americano - e de Claire Danes, nos papéis respectivamente de Romeu e de Julieta. A felicidade estampada nos rostos dos actores e o brilho intenso dos seus olhos, são imagens que ficam na mente muito para além do fim do filme. De facto, a peça parece ter sido criada de propósito para estes dois jovens actores, tal a intensidade das representações. O aspecto juvenil de ambos, remete as personagens para a adolescência, altura em que os amores são mais impulsivamente e intensamente sentidos.

O excelente texto original do dramaturgo inglês resiste, e até parece sair reforçado, após este confronto com a actualidade. A grande beleza de algumas passagens, bem como a omnipresente formalidade nos diálogos, começa por soar estranha mas rapidamente se entranha. Uma palavra para a legendagem que sempre que pode actualiza o texto, desrespeitando assim a intenção do realizador do filme.

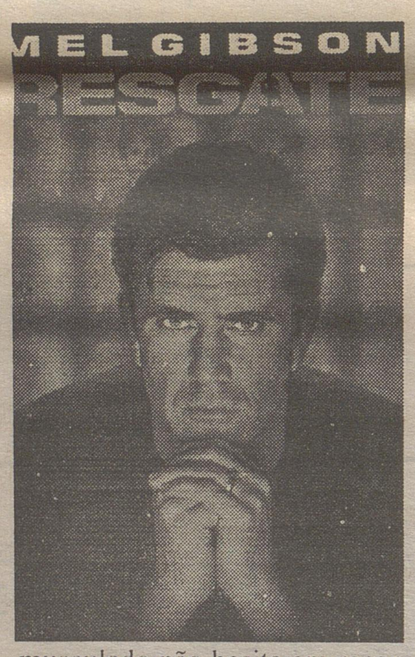
Realce merece também a banda sonora, de onde se destacam grupos como os Garbage, os Cardigans ou os Radiohead.

Um filme para adolescentes que se vê muito bem. Uma forma agradável de passar tempo.

***MP***

**Resgate / Ransom**

Realizado por Ron Howard (Mar de Chamas/Backdraft), este filme com Mel Gibson, Rene Russo e Gary Sinise como cabeças de cartaz não consegue ir muito longe. Para além de ter lançado uma paranoia à volta dos sequestros no país dos excessos (vulgo E.U.A.), em termos de filme propriamente dito fica apenas uma boa interpretação de Gary Sinise (como o policia corrupto que engendra o rapto do filho do "self made man" Mel Gibson), visto que consegue criar um personagem credível e coerente. De resto, em termos de acção fisica não passa da mediania que podemos ver num qualquer filme de Van Damme, e psicologicamente força–se, porque não consegue aprofundar e/ou explicar convenientemente as atitudes do milionário, privado do filho e acossado pelas autoridades fiscais. Mel Gibson oscila entre uma pessoa consciente, um defensor da estabilidade da sua vida e do seu sonho, e um cowboy perdido em Nova Iorque numa caminhada para a irracionalidade (a ideia do desafio aos raptores não deixa de ser interessante mas irrealista, só mesmo proveniente de um país onde qualquer problema é resolvido com a ajuda de 1 porta–aviões, alguns F-16 e meia dúzia de mísseis). De certeza que Ron Howard não estaria interessado numa reflexão profunda sobre os medos e paranóias dos Estados Unidos, mas antes em centrar o filme num homem que hesita entre fazer tudo para recuperar o seu filho ou tornar claro que ninguém lhe impõe regras. Posição essa discutível, porque para manter o seu sonho a funcionar, o nosso milionário




musculado não hesita em recorrer à corrupção (e ao menos esta situação podia ter sido melhor aproveitada). Em suma, se para apreciadores de Mel Gibson pode justificar–se um visionamento, para quem não gosta não passa de um filme dispensável.

**Michael Collins**

Neil Jordan, depois de "Entrevista com um Vampiro", realizou um filme (injustamente) esquecido nas nomeações para os Óscares (mas galardoado em Cannes) que conta com Liam Neeson (em alta desde a Lista de Schindler), Julia Roberts (agradavelmente surpreendente), Aidan Quinn (Lendas de Paixão) e Alan Rickman (Assalto ao Arranha–Ceus). Neil Jordan aborda uma época cinematograficamente negligenciada da história da República da Irlanda (comparativamente com a mais recente), começando com a Revolta da Páscoa (1916) e acabando com a morte de Michael Collins e o fim da Guerra Civil irlandesa (1921-22), altura em que se deu um passo decisivo na luta pela independência, só plenamente conseguida em 1949. Michael Collins, uma das figuras mais controversas daquela país consegue, mais de 70 anos depois aquilo que Eamon de Valera (Alan Rickman) profetizara, o reconhecimento do seu inegável contributo para uma das maiores aspirações dos irlandeses (embora nem a todos tenha aproveitado), a de um país independente. História à parte, não estamos diante dum épico como "Braveheart", mas sim perante um filme histórico sóbrio e bem realizado, situado algures entre um filme e um documentário, sem se tornar maçador e pesado–pelo contrário, capaz de acompanhar eficazmente o percurso pessoal e político dos personagens ,sem se perder no argumento. As cenas violentas, bem exemplificadoras da maneira feroz como se deu o conflito, estão bem estruturadas e filmadas, conseguindo prender–nos ao filme (veja–se o massacre no campo de râguebi). Neil Jordan não cai no facilitismo e dá–nos a história de um homem e da sua luta contra os ingleses, os próprios irlandeses e os jogos sujos da política, sem resvalar para o mito, mostrando–nos as suas virtudes e fraquezas, provando que até os heróis têm limites. A maneira como filma a morte de Michael




Collins é exemplar, evitando procurar a emoção e o drama (que existem, por exemplo, na sequência final de "Braveheart", não deixando este de ser um dos melhores épicos dos últimos tempos), pois cedendo trairía toda a sobriedade do filme. Para quem gosta de filmes históricos é imprescindível, para apreciadores de filmes com menos carga política pode ter o seu interesse.

**Um Dia em Grande**

De Michael Hoffman, com George Clooney (o último Batman) e Michelle Pfeiffer, surge uma comédia romântica simples e desprentensiosa, um filme para ver bem acompanhado e sentir que ainda há filmes que, sem necessitarem de aparato e uma história muito trabalhada, valem a pena ver. O esquema é simples e funciona, tendo a escolha dos actores sido bem conseguida. Devido a um desencontro, Clooney e Pfeiffer vão ter de tomar conta dos seus filhos durante um dia em que têm compromissos importantes, para o que têm que se entreajudar, muito embora o temperamento dos dois seja completamentamente diferente - como se diz, os opostos atraem–se. Para quem gosta de uma boa comédia romântica, e acha que já há muito tempo não se produz bom trabalho dentro do género, recomenda–se.

***João Melo Alvim***

Com o apoio do Clube de Vídeo Avenida

# Um ano próspero

97 Foi um bom ano para os detentores de um leitor de viídeo. Do cinema comercial ao mais alternativo, muitas foram as novidades a merecer destaque.

De um ano em que as bandas sonoras e as novas tecnologias ganharam um peso extra na composição global dos filmes, sem que se tenha perdido muita da magia do cinema mais clássico, aqui ficam as nossas escolhas.

E que 98 seja, se possível, melhor.

| Manuel Pereira | João Melo Alvim |
|---|---|
| "Crash" | "Evita" |
| "Para Além das Nuvens" | "Cume de Dante" |
| "Exótica" | "Vulção" |
| "Safe" | "Tornadao" |
| "O Ódio" | "Goldeneye" |
| "Kids" | "Retrato de uma senhora" |
| "Estrada Perdida" | "Mentes Perigosas" |
| "Underground" | "O Santo" |
| "Romeu + Julieta" | "Resgate" |
| "Marte Ataca" | "Carsh" |



## O Maio de 68 segundo José António Saraiva

# Maio de 68:"Il Est Interdit de Interdire"

***Maio de 68. Em Paris tudo se põe em causa.O que começa por ser um protesto interno contra o funcionamento da instituição universitária francesa alarga–se a toda a sociedade. O Estado treme e é claramente desautorizado pelos estudantes e operários que paralizam a França com grandes manifestações.Dentro dos portões das universidades ocupadas pelos estudantes sucedem–se os discursos utópicos e voluntariosos. Os estudantes têm a noção de que podem mudar a vida.***

30 anos depois, só livros podem aproximar–nos desses tempos: "Maio e a crise da civilização burguesa" de José António Saraiva é deles um grande testemunho. O título é explicado num brilhante posfácio em que o autor define o que quer dizer com burguesia- hoje muitas vezes denominada classe média- pelo seu espírito "racionalista e tendencialmente irreligioso, o seu sentimento individualista, a sua confiança na técnica, a sua moral do trabalho e da reciprocidade, a sua austeridade, a sua parcimónia de costumes e o seu receio de dissipação.

O que os estudantes pretendiam era todo um novo projecto de vida em que esta não fosse " subordinada à produção, em que a capacidade de cada um se deixasse de medir quantitativamente em bens" e em que a palavra chave não fosse mais contabilização.

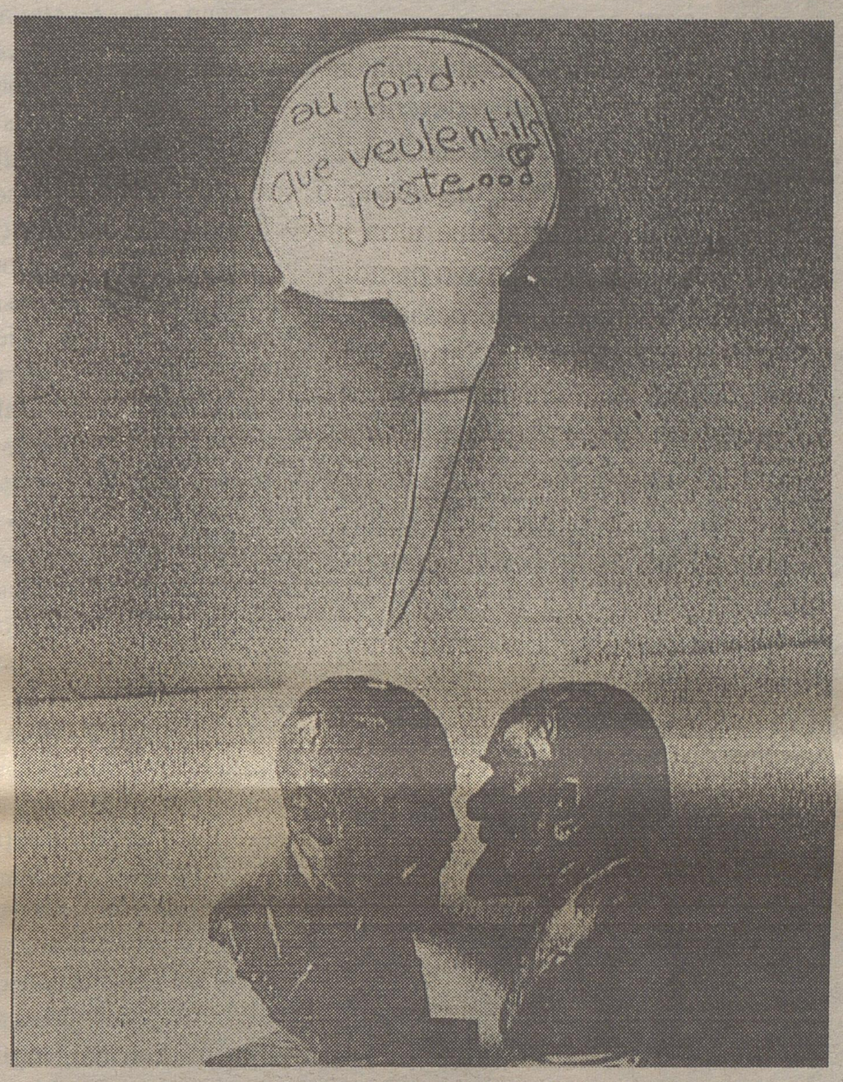
Não era a mera revolução marxista( curiosa a passagem em que o autor defende que " a doutrina marxista não é exterior e muito menos oposta à mentalidade burguesa e as suas teses são a consequência do ponto de vista burguês que privilegia os factores económicos e mensuráveis da vida"), mas muito mais como fica claro nesta passagem do diário de um estudante português em Paris:

"O mais importante de tudo o que fica deste acontecimento é a revolução cultural. A revolução cultural é antes do mais a insurreição da espontaneidade juvenil contra as instituições, os hábitos, os compartimentos e a imposição mecânica.

Revolução contra o academismo. Os valores estabelecidos na arte e na literatura. Os clásicos mumificados. O teatro para iniciados e connaisseurs. A obra prima ensinada como modelo. O quadro como valor, o quadro imobilizado posto no museu e na exposição, o quadro que as pessoas "tentam compreender".

Revolução contra o mercantilismo. Contra a arte produto de ensino. Contra a publicidade condicionante.

Revolução nas ciências humanas. Contar os eruditos e coleccionadores, contra os sábios que tudo reduziram a estruturas e não encontram o Homem, que não sabem explicar como se transformam as sociedades, que tentam reconciliar–nos com as imposições anti–humanas, a pretexto da necessidade científica. Contra os compartimentadores. Contra o espírito resignado à função de máquina calculadora. Contra os sorbonnards. Contra os "idiotas especializados" para quem o essencial é invisível.

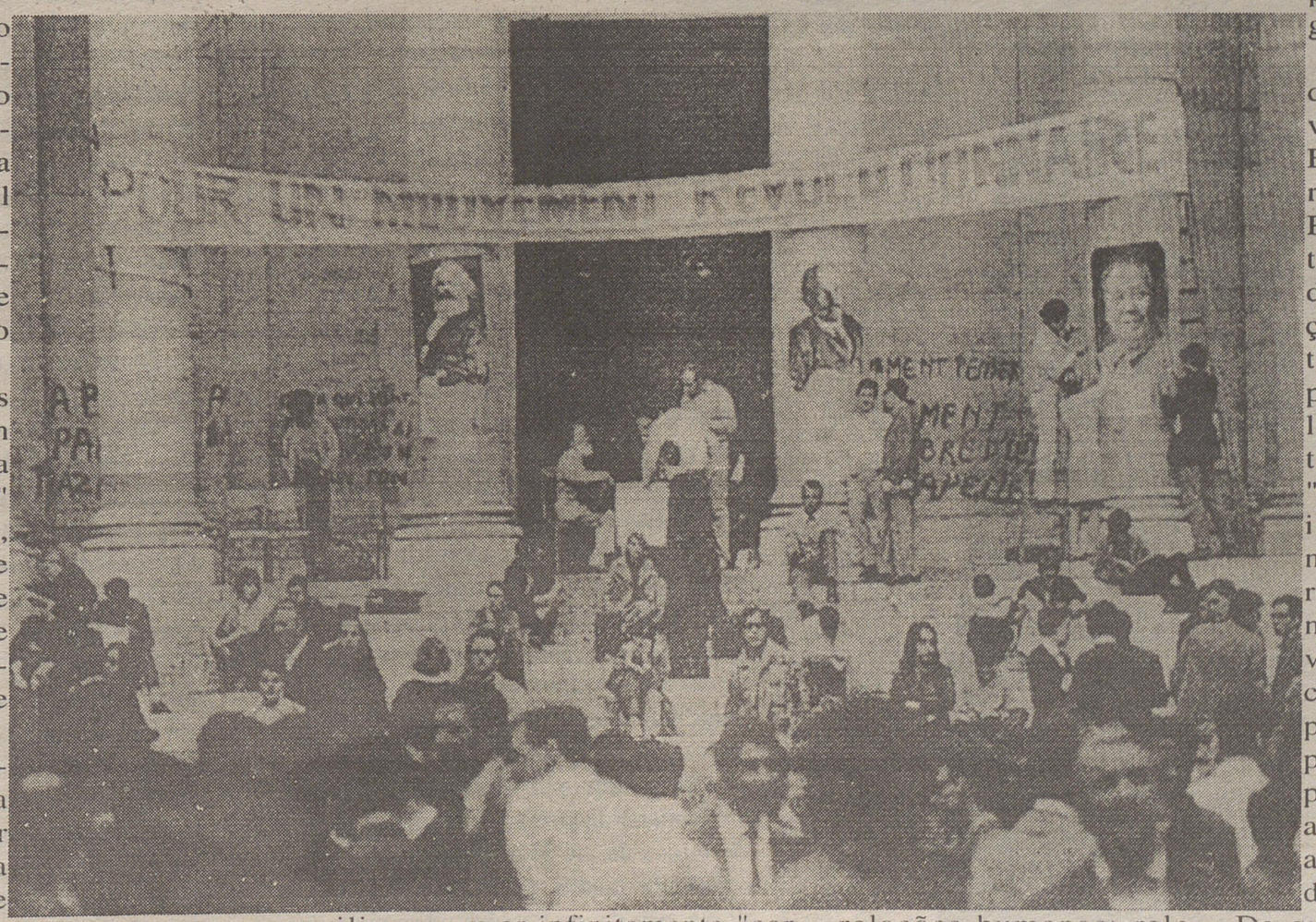



Revolução contra os modelos sociais. O mais ridículo de todos é o cadre que os anúncios mostram de pasta na mão e chapéu de ministro, com um ar infinitamente "correcto", pobre palhaço que se julga sério e justificado. Revolução contra a gente sérieuse que ensina as crianças a ser sages. Revolução contra a mediocridade ouvrière e concierge, o espírito ménagère. Revolução contra a estupidez do "Humanité": de um lado "nos reclamations", de outro a aceitação de todos os modelos artísticos e literários na moda. Revolução contra as uniformidades colectivas. Revolução nas relações humanas: relação entre adolescente e adulto, entre discípulo e mestre, entre homem e mulher, entre conhecidos e desconhecidos. Revolução contra o isolamento que nos impede de falar ao vizinho ou de pedir um cigarro ao desconhecido da esquina. Revolução contra a compartimentação individual. Revolução contra a obrigação de fazer o "nosso papel" e de nos pormos "no nosso lugar". Revolução contra o vous e contra o tu desnaturado. Revolução contra a submissão à maioria. Revolução para que cada um não tenha medo da opinião maioritária. Revolução no amor. Para que se evaporem os venenos da vida a dois. Para que cada um seja disponível. Para que haja sempre amor para dar. Para que o amor não tenha modelos e formas obrigatórias. Para que não haja imitação do amor.

Revolução contra as imitações. E esta é muito importante.

Revolução contra a pretensa necessidade tecnológica. Contra os subterrâneos. Contra a domesticação dos movimentos. Contra as colmeias habitacionais. Contra as férias pré–fabricadas. Contra a imitação do divertimento.

Revolução contra a superstição do Progresso."



Muitos dirão que depois de 68 nada voltou a ser igual. Em França, na América, mais tarde em Portugal, os estudantes mostraram o seu desagrado em relação ao poder instituido e ao futuro que perspectivavam se lhe fossem obedientes. Slogans como "il est interdite de interdire", "prenons nos desirs pour la realité" ou " l`ìmagination prend le pouvoir" tornaram–se célebres. E dão que pensar quando comparados com o "não pagamos" que tem animado os últimos anos de "lutas estudantis" em Portugal. De qualquer forma, já lá vão 30 anos e Maio nunca passou muito por aqui.

***Paulo Jorge Barbosa***

# Jacques Brel - 20 anos depois



***No dia 3 de Outubro de 1978, às três horas da madrugada, Jacques Brel saía para sempre de cena, no quarto 305 do Hospital Bobigni. Passam agora 20 anos após o seu desaparecimento e seria conveniente reavivar a sua memória.***

Atrás de si deixou um leque significativo de canções que nos cantam e retratam as suas paixões quotidianas. Mal amado à esquerda e à direita, ele acreditava nos sonhos que não se ensinam nas escola(s), nos partido(s), sonhos que se partilham nas ruas e nas camas, com gestos, palavras e ilusões.

Brel limitava–se a cantar o lado obscuro da ternura, o seu sentimento preferido. A mesma ternura que nos anos 50, falava do que acontece "quando não temos senão o amor": "Quand on n`a que l`amour/ pour tracer un chemin/ et forcer le destin / a chaque carrefour / Quand on n´a que l´amour/ pour parler aux cannons/ et rien que une chanson / pour convaincre un tambour / allors sans avoir rien/ que la force de aimer/ nous aurons dans nos mains / amis, le monde entier".

Filho de uma família pequeno–burguesa, viveu o período conturbado da guerra e da libertação do seu "plat pays", com o qual manteve sempre uma relação de amor–ódio. Um país em que que os jovens reduziam a sua revolta ao desejo de serem farmacêuticos porque os pais não o eram...e no dia 1 de Junho de 1953, tomou o comboio de Bruxelas para Paris, tinha então 24 anos. Nessa altura, as perspectivas não eram boas: Jacques Canneti, que ocupava então uma posição importante nos meios musicais, mostrou–se pouco entusiasta e, sobretudo, pensava que Brel com aquela cara e aquele físico, não devia cantar...Brel não se deixaria esmorecer.

Incómodo quando falava dos padres e dos burocratas, verrinoso quando se referia às beatas e aos burgueses, cantando as mulheres como se se tratasse de um inimigo íntimo - chega mesmo a colocar a hipótese de lhes ter passado ao lado, porque talvez tenha amado demasiado o amor para as amar a elas. Brel foi sobretudo um homem sincero.

A sua sinceridade expressa–se na sua identificação com o personagem de Quixote que o levou um dia, em 1968, a Nova Iorque para assistir à representação musical "The Man of The Mancha", não sossegando enquanto não conseguia montá–la na Bélgica e em França. O resultado, dizem, foi em todos os aspectos arrebatador: uma grande obra, que chega a superar o original em beleza e força interpretativa.

E não restam dúvidas sobre o seu auto–retrato quando se ouvem canções como "La Quête": "Rêver un impossible rêve / porter le chagrin des départs / brûler d´une possible fièvre /partir où personne ne part / Aimer jusqu´ à la decrirure / aimer même trop même mal / tenter, sans force et sans armure / d´atteindre l´inacessible étoile".

Contudo, é frequente ouvir dizer que não foi um homem fácil: irascível quanto baste; grande fumador e bebedor; perseguidor de saias. O génio conquistou-o, porque juntou as características atrás enunciadas a revolta e a inquietação.

Em Hiva–Oa, arquipélago das Marquesas, possessão francesa no Pacífico, criou as canções do seu derradeiro disco, editado em 1978, muito pouco tempo antes de morrer. Desse disco disseram que era a reconciliação de Brel com os homens e o seu mundo. São canções que falam de amigos, de lágrimas, escarnecendo da morte e gritando uma última vez, que valeu a pena estar vivo. Basta ouvir (Jojo), a quem Brel dedica uma das mais belas e sentidas canções do seu testamento discográfico. Percebendo aqui que não há notários acomodados ou infedilidade amorosa que cause tanta dor como ver um amigo a chorar e nesse caso morrer.

Anti-estrela por vocação, grande amante do mar e da arte de velejar, Jacques Brel levou a vida até às últimas consequências. "Viver faz mal à saúde", disse ele um dia. E que não lhe interessava viver muito tempo, mas viver bem, não lhe interessava a duração mas a intensidade. Politicamente incorrecto, para os tempos que correm.

*Fernando Nunes*

## Gabriel em Coimbra

# A festa do hip

***Sexta–feira, 12 de Dezembro, lá esteve o Pensador, depois de Lisboa e do Porto, a oferecer o "hip–hop" aos estudantes e habitantes de Coimbra. Apesar das críticas aos dois primeiros concertos, Gabriel o Pensador envolveu as pessoas que enchiam metade do Pavilhão Universitário numa festa ritmada, dançada e prolongada pelos insistentes apelos do público coimbrão.***

Já era de esperar que o Universitário não enchesse. Afinal, numa sexta–feira vai muita gente de fim–de–semana, especialmente se fôr um fim–de–semana de eleições (lembre–se que aquele foi o fim–de–semana das eleições autárquicas). Quem foi ao concerto, das duas uma, ou gostava mesmo de Gabriel e de "hip–hop", ou então não tinha nada melhor para fazer. Mas supõe–se que não tenham dado hipótese de escolher a data à Comissão da Queima das Fitas de 1997, os organizadores do concerto de Coimbra.

No entanto, podendo antever–se um espectáculo morno, não foi isso que aconteceu. Quando a multidão ansiosa pelo arranque do concerto identificou a primeira música, foi um desencadear de pulos e gritos em coro: "Lôraburra!" Logo a seguir veio "2345meia78", que levou o pavilhão ao rubro, com toda a gente a entoar o refrão com grande pujança. Gabriel, que é um pensador astuto, começou logo o seu espectáculo "a partir" com os seus maiores sucessos. Foi esta a receita para um início de "show" com chave de ouro.

As músicas mais lentas vieram logo a seguir, o que fez acalmar bastante os ânimos. E quando o ritmo já se tornava enfadonho, vieram os grandes êxitos do primeiro álbum como "Tô Feliz (Matei o Presidente)", "Lavagem Cerebral" e músicas mais mexidas. Uma que os coimbrões não tiveram dificuldade nenhuma em decorar o refrão foi a "FilhadaPuta", do segundo álbum, "Ainda É Só O Começo". Gabriel aproveitou para sugerir que essa música fosse dedicada à questão das propinas, o que prontamente lhe rendeu uma grande ovação.

Mas o espectáculo engendrado por Gabriel não se cingia à simples exposição das músicas. Com efeito, houve toda uma coreografia protagonizada pelo próprio Pensador acompanhado por dois elementos: um rapaz com todo o aspecto típico de "rapper" e uma rapariga "toda–boa" cujas pernas dançavam caprichosamente, e com elas muitos dos olhos masculinos da plateia, conduzidos pela possibilidade da mini–saia deixar ver algo mais para além da totalidade da perna. Esta dupla tinha como função assegurar as vozes "off" presentes nas faixas originais dos álbuns e também ilustrar as respectivas letras com guarda–roupa alusivo aos temas e com pantomimas simples mas sugestivas. O espectáculo estava inteiramente ensaiado. Os figurinos sabiam exactamente o que fazer, a interpretação das músicas era muito (talvez demasiado) fiel às versões de estúdio e a planificação

# hop no Universitário

metódica da actuação não deixava lugar a grandes espontaneidades no palco, o que talvez se deva à aparente falta de à vontade do Pensador.

No entanto, a espontaneidade de Gabriel deu ar de sua graça, mas sob a forma dos seus habituais improvisos. Na música "175 Nada Especial", cujo refrão diz que "esse rap não é sobre nada especial", Gabriel reinventou completamente a letra, na qual falou "dji Pórtugáu" e do "bácálhau", mencionou o frio de Coimbra (que naquela noite era de rachar), entre vários outros assuntos.

O clima era de grande festa quando Gabriel e todos os elementos da banda se despediram e abandonaram o palco. A audiência abandonada e insatisfeita iniciou os tradicionais pedidos de prolongamento do concerto. E Gabriel, para espanto de ninguém, voltou e começou o tradicional "encore" que figura todos os fins de concertos. Mas este "encore" já era tão previsível que o Pensador já o tinha inteiramente programado. Em vez de ser aquela parte do concerto mais descontraída e informal, o "encore" funcionou mais como que uma segunda parte do concerto. Gabriel, em vez de mostrar aquelas músicas menos conhecidas, fez uma espécie de rapsódia com várias músicas das mais aplaudidas naquela noite e que mais convinha promover. Entre elas estava a inevitável "2345meia78", a "Dança do Desempregado", entre outras. De louvar foi a iniciativa do Pensador em levar ao palco um "rapper" da cidade que o acolheu , o que já é hábito nos seus concertos.

Gabriel recolheu então aos bastidores sob uma grande ovação que se prolongou por ainda algum tempo. Parecia que agora é que o concerto tinha chegado mesmo ao fim. Só que o público de Coimbra fincou o pé, e, para deleite dos presentes, Gabriel o Pensador surgiu no palco, cantando a famosa música "O Resto do Mundo" envolto numa capa coimbrã que, terminada essa alusão à miséria dos marginalizados, deu lugar à camisola do Flamengo e mais tarde à da Selecção Nacional Portuguesa. O "rapper" brasileiro ainda nos mostrou os seus dotes de "DJ" com um duelo de "scratches" com o percussionista, acabando assim o concerto num clima mais íntimo e bem mais "alto astral, né?".

Pode dizer-se que, apesar do carácter calculado que a actuação deixava transparecer, foi um óptimo concerto, em que Gabriel mexeu com o público presente, superando o frio que se fazia sentir no pavilhão com uma pitada de calor brasileiro (sublinhe-se aqui o contributo dos músicos e da "rapariga-que-muito-mexia-as-pernas") e, sobretudo, com a força do seu "rap".

### Black Company: salvos pelo DJ

Depos da abertura do serão pela tertúlia "In Vino Veritas", começava no palco o movimento para a preparação da entrada dos "Black Company". À medida que se ia consolidando o amontoado de gente em frente ao palco, o "dj" dos "Black Company" começava a passar música. Sem que a maioria das pessoas se aparcebesse que já era ele que estava a pôr o som, o jovem de cabelo comprido ia mudando de música para música, alimentando a batida, que começava a mexer com o público presente. Uma excelente demonstração da música hip–hop se desenrolava, quando o "dj" ainda a enriqueceu mais com um festival de "scratch" que entusiasmou a assistência, preparando-a para a entrada em palco do primeiro membro dos "Black Company" seguida por mais dois dos "rappers" da banda.

Coimbra foi saudada com os "iés" e os "tá–se bem" do costume, e a actuação do grupo que se viu celebrizado pelo tema "Não Sabe Nadar"(Yo!) deu–se, não acompanhada por uma banda musical, mas pelos discos manuseados pelo "dj". Muito longe do sucesso obtido pelo seu primeiro trabalho, os "rappers" deram o seu habitual espectáculo, cheio de americanices à mistura, chegando a ser acompanhados pelo público em alguns dos refrões e conseguindo ainda uma certa adesão aos gritos entoados visando repetição da assistência. Apesar disso, os "Black Company" deixaram um público morno à espera de uma prestação mais quente por parte do Pensador, talvez devido ao facto de estarem a fazer estes concertos sem serem remunerados.

***David Pereira Bastos***

# J.R.R. Tolkien

John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) marcou muito significativamente a literatura de ficção deste século. Filólogo, professor universitário e escritor, procurou transportar a magia e o encanto das lendas celtas e das sagas nórdicas para os seus romances, criando um doce e subtil mundo imaginário em que paladinos do bem e sectários maléficos se defrontam numa gigantesca epopeia maniqueísta.




O Hobbit (1937) , O Senhor dos Anéis (1954) e O Silmarillion constituem as obras fundamentais de um vasto acervo de obras narrativas.

Em O Hobbit , Tolkien introduz–nos no mundo da Terra Média, povoado por Feiticeiros, Elfos (exímios guerreiros e archeiros que vivem nas florestas e veneram a beleza e a música), e estranhas criaturas de meio palmo, dotadas de uma insaciável curiosidade e apaixonadas pelas pequenas alegrias e confortos da vida: os Hobbits. Um deles, Bilbo Baggins é a personagem principal desta obra, que graças à ajuda do feiticeiro Gandalf, o Cinzento penetra num complexo subterrâneo onde consegue enganar um estranho ser sobrenatural, Gollum, e assim recuperar um poderoso anel de poder que traçará o futuro e o destino de toda a terra média.

Anos depois, em O Senhor dos Anéis Tolkien transpõe para a ficcionada Terra Média, em estilo de saga nórdica, a dramática segunda Guerra Mundial que viveu. Nesta fabulosa epopeia em três volumes (A irmandade doa anel; As duas torres; O regresso do rei ) chocam as forças titânicas de Sauron, o maquiavélico vilão da história, que comanda hostes de criaturas maléficas (Orcs, Nazgul, Mortos–Vivos) contra as terras civilizadas de Gondor, Eriador e Lorien, à procura do anel de poder que lhe permitirá controlar toda a terra média.

"Três anéis para os Reis Elfos debaixo do Céu, Sete para os senhores dos Anões nos seus palácios de pedra, Nove para os Homens mortais destinados a morrer, Um para o Senhor das Trevas no seu negro trono Na terra de Mordor onde moram as Sombras. Um anel para todos dominar, um anel para os encontrar, Um anel para todos prender e nas trevas reter Na terra de Mordor onde moram as Sombras".

Assim principia esta epopeia, protagonizada por Frodo, sobrinho de Bilbo, Aragorn "Pedra de Elfo", descendente da dinastia perdida de Numénor, Gandalf e outros, visando destruir o anel descoberto por Bilbo anos antes, e assim livrar a Terra Média da sombra negra de Sauron. Pelo meio aventuras em reinos dos cavaleiros nómadas de Rohan, nas florestas mágicas dos Ents, árvores centenárias vivas e inteligentes, antigas como a noite dos tempos...

No fim a Terra Média é salva, Sauron derrotado, e Aragorn surge como o Rei Supremo Elessar. Um D. Sebastião que, de facto regressa... Final Feliz... Ou talvez não. O enredo pode parecer confuso, mas só lendo o é possível compreender. Em apêndice pode ser encontrada a genealogia das personagens do romance, uma breve história da Terra Média, e as línguas que Tolkien inventou para o seu mundo.

Uma obra a não perder, dos 9 aos 99.

O Silmarillion toda a história da Terra Média, desde o seu primeiro momento

até ao desaparecimento da magia naquele mundo. Recomendado a quem gostou do Senhor dos Anéis e não se quer despedir tão cedo dessa terra encantada do imaginário de todos nós.

A escrita de Tolkien caracteriza–se pela sua imensa riqueza narrativa e de estilo, pela fluência e principalmente pela beleza e delicadeza das descrições e pelo suspense de princípio ao fim.

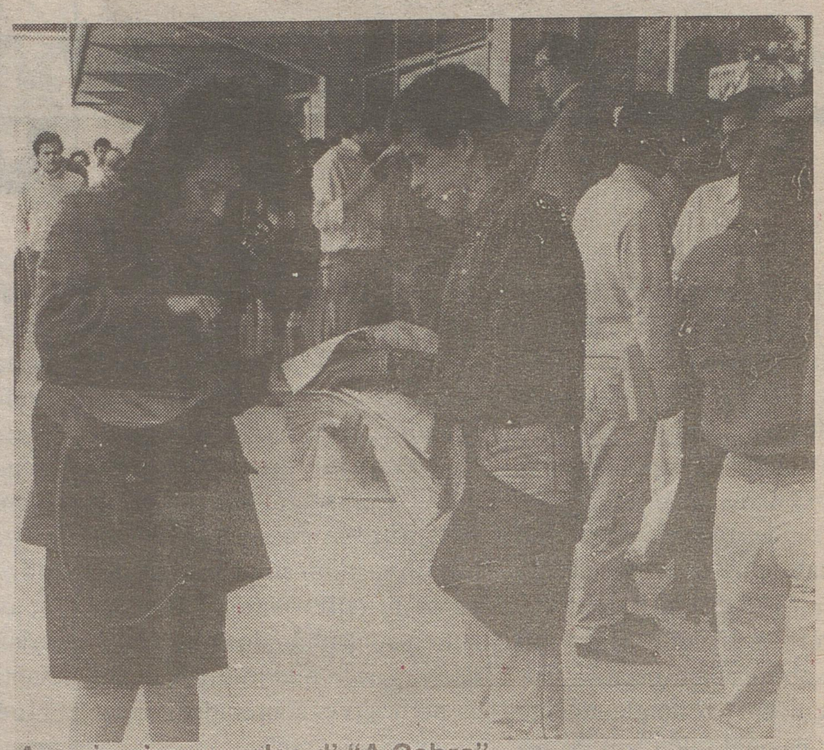
*O Senhor dos Anéis, O Hobbit, O Silmarillion, Publicações Europa–América, Colecção Obras de J.R.R Tolkien.*

***Rui Prista Cascão***

# 7º Aniversário do jornal A CABRA



jantar de aniversário da Secção



As primeiras vendas d' "A Cabra"

## ACREDITAR!

Acreditar foi o título do editorial do primeiro número deste Jornal.

Quando, em Janeiro de 1991, um grupo de estudantes resolveu criar A CABRA, só lhes restava acreditar. Sem apoios de monta e depois de duas experiências decepcionantes - os jornais A Cábula e Gazeta Académica - nada levava a crer que fosse possível recomeçar a edição de um jornal na Secção de jornalismo da AAC.

Baseado num modelo de jornalismo que se pretende interventivo e polémico este Jornal passou por várias vicissitudes ao longo da sua vida mas nunca acabou, em parte porque os seus sócios sempre acreditaram e quiseram honrar o compromisso que esta Secção selou com os seus leitores nesse número zero: editar regularmente um jornal da academia, com isenção e rigor.

Este objectivo foi conseguido, mesmo que a periodicidade nem sempre tenha sido a desejada, e, trinta e três números depois, temos razões para continuar a acreditar no futuro, agora mais do que nunca.

A Secção de Jornalismo continua a renovar-se, a vontade de trabalho subsiste intacta e desenha-se a possibilidade de editar um trabalho mais evoluido, sob a forma de uma revista, ainda que o Jornal A CABRA, continue a ser a principal razão de existirmos.

*Tiago Maranhão*

*Janeiro 1998*



O Nobel Da Paz na Secção



O presidente também lê "A Cabra"



Visita de Cavaco Silva